



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



José de Alencar
O Demônio Familiar



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O Demônio Familiar

José de Alencar

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1857.

Livro Digital nº 857 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

José Martiniano de Alencar

(1829 - 1877)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O DEMÔNIO FAMILIAR



Representada pela primeira vez no Teatro do Ginásio Dramático no dia 5 de novembro de 1857.

PERSONAGENS:

CARLOTINHA

HENRIQUETA

EDUARDO

PEDRO

JORGE

ALFREDO

AZEVEDO

D. MARIA

VASCONCELOS

A cena é no Rio de Janeiro e de atualidade. Toda a Comédia se passa na casa de Eduardo. O 1º Ato no gabinete; o 2º Ato no jardim; o 3º Ato em uma sala interior; o 4º Ato na sala de visita.

ATO I

Uma sala de moço solteiro. No fundo porta larga de uma alcova, na qual se vê um leito com cortinados. À esquerda, duas janelas e uma porta que dá para uma escada; á direita portas interiores. Entre as janelas uma mesa de escrever, cheia de papéis e livros; vê-se nela uma caixa de charutos aberta. À direita, depois da porta, estantes envidraçadas. No fundo e na esquerda quadros de paisagens. Junto ao proscênio uma cadeira de balanço e uma otomana. As cadeiras estão espalhadas e em desordem; sobre uma vê-se, um talmá atirado, sobre outra um par de luvas, uma gravata e um par de botinas; livros no chão. As janelas são vidraças à francesa, e estão fechadas. São duas horas da tarde.

CENA I

Carlotinha, Henriqueta.

(Carlotinha abre a porta da esquerda e entra)

CARLOTINHA

Mano, mano! *(Voltando-se para a porta)* Não te disse? Saiu! *(Acenando)*
Vem, psiu, vem!

HENRIQUETA

Não, ele pode zangar-se quando souber.

CARLOTINHA

Quem vai contar-lhe? Demais, que tem isso? Os homens não dizem que as moças são curiosas?

HENRIQUETA

Mas, Carlotinha, não é bonito uma moça entrar no quarto de um moço solteiro.

CARLOTINHA

Sozinha, sim; mas com a irmã não faz mal.

HENRIQUETA

Sempre faz.

CARLOTINHA

Ora! Estavas morrendo de vontade.

HENRIQUETA

Eu não; tu é que me chamaste.

CARLOTINHA

Porque me fazias tantas perguntinhas, que logo percebi o que havia aqui dentro. *(Leva a mão ao coração de Henriqueta)*

HENRIQUETA *(corando)*

Carlotinha!...

CARLOTINHA

Está bom, não te zangues.

HENRIQUETA

Não; mas tens lembranças!

CARLOTINHA

Que parecem esquecimentos, não é? Esquecia-me que não gostas que adivinhem os teus segredos.

HENRIQUETA (*suspirando*)

Não os tenho.

CARLOTINHA

Anda lá!... Oh! meu Deus! Que desordem! Aquele moleque não arranja o quarto do senhor; depois mano vem e fica maçado.

HENRIQUETA

Vamos nós arranjá-lo?

CARLOTINHA

Está dito; ele nunca teve criadas desta ordem.

HENRIQUETA (*à meia voz*)

Porque não quis!

CARLOTINHA

Que dizes?... Cá está uma gravata.

HENRIQUETA

Um par de luvas.

CARLOTINHA

As botinas em cima da cadeira.

HENRIQUETA
Os livros no chão.

CARLOTINHA
Ah! Agora pode-se ver!

HENRIQUETA
Não abrimos a janela?

CARLOTINHA
É verdade. (*Abre a primeira janela*)

HENRIQUETA
Daqui vê-se a minha casa; olha!

CARLOTINHA
Pois agora é que sabes? Nunca viste mano Eduardo nesta janela?

HENRIQUETA (*confusa*)
Não; nunca.

CARLOTINHA
Fala a verdade, Henriqueta! (*Encostando-se ambas á janela*)

HENRIQUETA
Já te disse que não: se vi, não me lembra. Há tanto tempo que esta janela não se abre!

CARLOTINHA
Bravo! Depois não digas que são lembranças minhas.

HENRIQUETA
O quê? O que disse eu?

CARLOTINHA
Nada; traíste o teu segredo, minha amiguinha. Se tu sabes que esta janela não se abre, é porque todos os dias olhas para ela.

HENRIQUETA

Pois não...

CARLOTINHA

Para que procuras esconder uma coisa que teus olhos estão dizendo? Tu choras!... Por quê? É pelo que eu disse? Perdoa, não falo mais em semelhante coisa.

HENRIQUETA

Sim; eu te peço, Carlotinha. Se soubesses o que eu sofro...

CARLOTINHA

Como! Meu irmão é tão indigno de ti, Henriqueta, que te ofendes com um simples gracejo a seu respeito?

HENRIQUETA

Eu é que não sou digna dele; não mereço, nem mesmo por tua causa, uma palavra de amizade!

CARLOTINHA

Que dizes! Mano Eduardo te trata mal?

HENRIQUETA

Mal, não; mas com indiferença, com uma frieza!... Às vezes nem me olha.

CARLOTINHA

Mas antes, quando nos visitavas mais amiúde, e passavas dia conosco, ele brincava tanto contigo!

HENRIQUETA

Sim; porém, um dia, tu não reparaste, talvez; eu me lembro... ainda me dói! Um dia vim passar a tarde contigo, e durante todo o tempo que estive aqui ele não me deu uma palavra.

CARLOTINHA

Distração! Não foi de propósito.

HENRIQUETA

Oh! foi! Desde então essa janela nunca mais se abriu. Agora posso dizer-te tudo... Eu o via do meu quarto a todas as horas do dia; de manhã, apenas acordava, já ele estava; antes de jantar, quando ele chegava, eu o esperava; e à tarde, ao escurecer.

CARLOTINHA

E nunca me disseste nada!

HENRIQUETA

Tinha vergonha. Hoje mesmo se não adivinhasses, se eu não me traísse.

CARLOTINHA

Deixa estar que hei de perguntar-lhe a razão disto.

HENRIQUETA

Eu te suplico! Não lhe digas nada. Para quê? Sofri dois meses, sofri como tu não fazes ideia. Uns versos sobretudo que ele me mandou fizeram-me chorar uma noite inteira.

CARLOTINHA

Mas por isso mesmo! Não quero que ele te faça chorar. Hei de obrigá-lo a ser para ti o mesmo que era.

HENRIQUETA

Agora... É impossível!

CARLOTINHA

Por quê?

HENRIQUETA

Não tenho coragem de dizer; e, entretanto, vim hoje só para dar-te parte e para... despedir-me desta casa.

CARLOTINHA
Vais fazer alguma viagem?

HENRIQUETA
Não, mas vou...

(Ouve-se subir a escada)

CARLOTINHA *(assustada)*
É ele! É mano!

HENRIQUETA *(também assustada)*
Ah! Meu Deus!

CARLOTINHA
Depressa! Corre!...

(Saem)

CENA II

Eduardo, Carlotinha.

EDUARDO
Pedro!... Moleque!... O brejeiro anda passeando, naturalmente!
(Chegando à parta da direita) Pedro!

CARLOTINHA *(entrando)*
O que quer, mano? Pedro saiu.

EDUARDO
Onde foi?

CARLOTINHA
Não sei.

EDUARDO

Por que o deixaste sair?

CARLOTINHA

Ora! Há quem possa com aquele seu moleque? É um azougue; nem à mamãe tem respeito.

EDUARDO

Realmente é insuportável; já não o posso aturar. Quando o procuro anda sempre na rua.

(Pedro entra correndo)

CENA III

Os mesmos, Pedro.

PEDRO

Senhor chamou?

EDUARDO

Onde andava?

PEDRO

Fui ali na loja da esquina.

EDUARDO

Fazer o quê? Quem lhe mandou lá?

CARLOTINHA

Foi vadiar; é só o que ele faz.

PEDRO

Não, Nhanhã; fui comprar soldadinho de chumbo.

EDUARDO *(sorrindo)*

Ah! O senhor ainda brinca com soldados de chumbo... Corra, vá chamar-me um tílburí na praça; já, de um pulo.

PEDRO

Sim, senhor. (*Sai correndo*)

CENA IV

Eduardo, Carlotinha.

CARLOTINHA

Onde vai, mano?

EDUARDO

Vou ao Catete ver um doente; volto já.

CARLOTINHA

Eu queria falar-lhe.

EDUARDO

Quando voltar, menina.

CARLOTINHA

E por que não agora?

EDUARDO

Tenho pressa, não posso esperar. Queres ir hoje ao Teatro Lírico?

CARLOTINHA

Não, não estou disposta.

EDUARDO

Pois representa-se uma ópera bonita. (*Enche a carteira de charutos*)
Canta a Charton. Há muito tempo que não vamos ao teatro.

CARLOTINHA

É verdade; mas quem nos acompanha é você, e seus trabalhos, sua vida ocupada... Depois, mano, noto que anda triste.

EDUARDO

Triste? Não, é meu gênio; sou naturalmente seco; gosto pouco de divertimentos.

CARLOTINHA

Mas houve um tempo em que não era assim; brincávamos, passávamos as noites a tocar piano e a conversar; você, Henriqueta e eu. Lembra-se?

EDUARDO

Se me lembro!... *(Com volubilidade)* Estava formando há pouco, não tinha clínica. Hoje falta-me o tempo para as distrações.

CENA V

Os mesmos, Pedro.

PEDRO

Está aí o títburi, sim, senhor; carro novo, cavalinho bom.

EDUARDO

Agora veja se se larga outra vez. Quero tudo isto arrumado, no seu lugar; não me toque nos meus livros; escove esta roupa. Respeite-me os charutos. *(Olhando)* Quem abriu aquela janela?

CARLOTINHA

Fui eu, mano. Fiz mal?

EDUARDO

Não gosto que esteja aberta, o vento leva-me os papéis. *(A Pedro)* Fecha!

CARLOTINHA

Você outrora gostava de passar as tardes ali, fumando ou lendo.

EDUARDO

Até logo, Carlotinha. Moleque, não saia. *(Dirige-se à porta)*

CARLOTINHA

Ouçã, mano!... Não quer ver Henriqueta?

EDUARDO

Ah!... Há muito tempo não te visitava!

CARLOTINHA

Por isso mesmo, venha falar-lhe.

EDUARDO (*depois de alguma hesitação*)

Não; já me demorei mais do que pretendia. (*Sai*)

CARLOTINHA

Escute!

CENA VI

Pedro, Carlotinha.

PEDRO

Senhor moço Eduardo pensa que a gente tem perna de pau e não precisa andar!

CARLOTINHA (*despeitada*)

Fecha aquela porta!

PEDRO (*voltando*)

Então, nhanhã, vossa mercê não recebe aquele bilhete, não?

CARLOTINHA

Moleque! Tu estás muito atrevido!...

PEDRO

Pois olhe, nhanhã; o moço é bonito, *petit-maitre* mesmo da moda!... Mais do que o Sr. moço Eduardo. Xi!... Nem tem comparação!

CARLOTINHA

Não o conheço!

PEDRO

Pois ele conhece nhanhã; passa aqui todo o dia. Chapéu branco de castor, deste de aba revirada; chapéu fino; custa caro! Sobrecasaca assim meio recortada, que tem um nome francês; calça justinha na perna; bota do Dias; bengalinha desse bicho, que se chama unicorne. Se nhanhã chegar na janela depois do almoço há de ver ele passar, só gingando (*arremeda*): Tchá, tchá, tchá... Hum!... Moço bonito mesmo!

CARLOTINHA

Melhor para ele; não faltará a quem namore.

PEDRO

Não falta, não; mas ele só gosta de nhanhã. Quando passa, nhanhã não vê; mas eu, cá de baixo, estou só espreitando. Vai olhando para trás, de pescocinho torto! Porém nhanhã não faz caso dele!

CARLOTINHA

É um desfrutável! Está sempre a torcer o bigode!

PEDRO

É da moda, nhanhã! Aquele bigodinho, assim enroscado, onde nhanhã vê, é um anzol; anda só pescando coração de moça.

CARLOTINHA

Moleque, se tu me falares mais em semelhante coisa, conto a teu senhor. Olha lá!

PEDRO

Está bom, nhanhã; não precisa se zangar. Eu digo ao moço que nhanhã não gosta dele, que ele tem uma cara de frasquinho de cheiro...

CARLOTINHA

Dize o que tu quiseses, contanto que não me contes mais histórias.

PEDRO

Mas agora como há de ser!... Ele me deu dez mil-réis.

CARLOTINHA

Para quê?

PEDRO

Para entregar bilhete a nhanhã. (*Tira o bilhete*) Bilhetinho cheiroso; papel todo bordado!

CARLOTINHA

Ah! se mano soubesse!

PEDRO

Ele é amigo de Sr. moço Eduardo.

CARLOTINHA

Nunca vem aqui!

PEDRO

Oh! se vem; ainda ontem; por sinal que me perguntou se já tinha entregado.

CARLOTINHA

E tu que respondeste?

PEDRO

Que nhanhã não queria receber.

CARLOTINHA

E por que não restituíste a carta?

PEDRO

Porque a carta veio com os dez mil-réis... e eu gastei o dinheiro, nhanhã.

CARLOTINHA

Ah! Pedro, sabes em que te meteste?

PEDRO

Mas que tem que nhandã receba! É um moço mesmo na ordem!

CARLOTINHA

Não!... não devo! (*Volta-lhe às costas; chega-se à estante e escolhe um livro*)

PEDRO

Nhandã não há de ser freira!... (*Mete a carta no bolso sem que ela o perceba; e murmura*) Entregue está ela!

CARLOTINHA

Que dizes?

PEDRO

Nada, nhandã! Que vossa mercê é uma moça muito bonita e Pedro um moleque muito sabido!

CARLOTINHA

É melhor que arrumes o quarto de teu senhor, vadio! (*Carlotinha senta-se e lê*)

PEDRO (*arrumando*)

Isto é um instante! (*Chegando-se à Carlotinha*) Mas nhandã precisa casar! Com um moço rico como Sr. Alfredo, que ponha nhandã mesmo no tom, fazendo figuração. Nhandã há de ter uma casa grande, grande, com jardim na frente, moleque de gesso no telhado; quatro carros na cocheira; duas parelhas, e Pedro cocheiro de nhandã.

CARLOTINHA

Mas tu não és meu, és de mano Eduardo.

PEDRO

Não faz mal; nhanhã fica rica, compra Pedro; manda fazer para ele sobrecasaca preta à inglesa: bota de canhão até aqui (*marca o joelho*); chapéu de castor; tope de sinhá, tope azul no ombro. E Pedro só, traz zaz, zaz! E moleque da rua dizendo "Eh! cocheiro de sinhá D. Carlotinha!"

CARLOTINHA

Cuida no que tens que fazer, Pedro. Teu senhor não tarda.

PEDRO (*arrumando*)

É já; não custa! (*Chegando-se*) Meio-dia, nhanhã vai passear na Rua do Ouvidor, no braço do marido. Chapeuzinho aqui na nuca, peitinho estufado, tundá arrastando só! Assim, moça bonita! Quebrando debaixo da seda, e a saia fazendo xô, xô, xô! Moço, rapaz deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no olho: "Oh! Que paixão!..." O outro já: "Vossa excelência passa bem?" E aquele homem que escreve no jornal tomando nota para meter nhanhã no folhetim.

CARLOTINHA

Oh! meu Deus! Que moleque falador! Não te calarás? (*Lê*)

PEDRO

Quando é de tarde, carro na porta; parelha de cavalos brancos, fogosos; Pedro na boleia, direitinho, chapéu de lado, só tenteando as rédeas. Nhanhã entra; vestido toma o carro todo, corpinho reclinado embalçando: "Botafogo!" Pedro puxou as rédeas; chicote estalou; tá, tá, tá; cavalo, toc, toc, toc; carro trrr!... Gente toda na janela perguntando: "Quem é? Quem é?" — "D. Carlotinha..." Bonito carro! Cocheiro bom!... E Pedro só deitando poeira nos olhos de boleiro de aluguel.

CARLOTINHA

Ora, mano não vem! Disse que voltava já! (*Vai deitar o livro*)

PEDRO

De noite, baile de estrondo, como baile do Sr. Barão de Meriti; linha de carro na porta, até no fim da rua, e torce na outra; ministro, deputado, senador, homem do paço, só de farda bordada, com pão-de-rala no peito. Moça como formiga! Mas nhanhã pisa tudo; brilhante reluzindo na testa como faísca, leque abanando, vestido cheio de renda. Tudo caído só, com o olho de jacaré assim. E nhanhã sem fazer caso.

CARLOTINHA (*rindo*)

Onde é que tu aprendeste todas essas histórias, moleque? Estás adiantado!

PEDRO

Pedro sabe tudo!... Daí a pouco, música vom, vom, vom, tra-ra-lá, tra-ra-lá-ta; vem ministro, toma nhanhã para dançar contradança; e nhanhã só requebrando o corpo! (*Arremeda a contradança*)

CARLOTINHA

Ora, senhor! Já se viu que capetinha!

CENA VII

Os mesmos, Jorge.

JORGE (*entrando*)

Mana Carlotinha, Henriqueta está lhe chamando para dizer-lhe adeus.

PEDRO

Sinhá Henriqueta está aí?

CARLOTINHA

Ela já vai?

JORGE

Já está deitando o chapéu.

CARLOTINHA

É tão cedo ainda! (*Jorge vai à mesa*)

PEDRO

Duas horas já deu há muito tempo em São Francisco de Paula.

CARLOTINHA (*vai à janela*)

Mano não voltará para jantar?...

PEDRO

Não tarda aí, nhinhã!

JORGE (*na mesa com um livro aberto*)

Olha! que pintura bonita, Pedro!

PEDRO

Comece, comece a remexer! Depois fica todo derretido. (*Arremeda*)
Foi moleque!...

CARLOTINHA (*sai da janela*)

Quando Eduardo voltar, vai me chamar, ouviste, Pedro?... Jorge, venha!

JORGE

Já vou, Carlotinha!

CARLOTINHA

Não toque nos papéis de Eduardo; ele não gosta. (*Sai*)

CENA VIII

Pedro, Jorge.

PEDRO (*querendo tomar o livro*)

Ande, ande, nhonhô; vá lá para dentro! Deixe o livro.

JORGE

Se tu és capaz, vem tomar!

PEDRO

Ora! É só querer!

JORGE

Pois eu to mostrei!

PEDRO

Está arrumado! Pedro, moleque capoeira, mesmo da malta, conta lá com menino de colégio! (*Gingando*) Caia! É só neste jeito; pé no queixo, testa na barriga.

JORGE

Espera; vou dizer a mamãe que tu estás te engraçando comigo!

PEDRO

É só o que sabe fazer; enredo da gente! Nhonhô não vê que é de brincadeira. (*Chegando-se*) Olhe este livro; tem pintura também; mulher bonita mesmo! (*Abre o livro*)

JORGE (*com curiosidade*)

Deixa ver! Bravo!... Que belo! (*Tirando um papel*) Que é isto?

PEDRO

Um verso!... Oh! Pedro vai levar à viúva!

JORGE

Que viúva?

PEDRO

Essa que mora aqui adiante!

JORGE

Para quê?

PEDRO

Nhonhô não sabe? Ela tem paixão forte por Sr. moço Eduardo; quando vê ele passar, coração faz tuco, tuco, tuco! Quer casar com doutor.

JORGE

E mano vai casar com ela?

PEDRO

Pois então! Mas não vá agora contar a todo o mundo.

JORGE

E ele gosta daquela mulher tão feia? Antes fosse com D. Henriqueta.

PEDRO

Menino não entende disto! Sinhá Henriqueta é moça bonita mas é pobre! A viúva é rica, duzentos contos! Senhor moço casa com ela e fica capitalista, com dinheiro grosso! Compra carro e faz Pedro cocheiro!... Leia o verso, nhonhô.

JORGE

Deixa-me; não estou para isto!

PEDRO (*olhando o papel*)

Ah! Se Pedro soubesse ler (*sentando-se e recostando-se*) fazia como doutor, sentado na poltrona, com o livro na mão e puxando só a fumacinha do havana. Por falar em havana... (*Ergue-se, vai à mesa e mete a mão na caixa dos charutos*) Com efeito! Sr. moço Eduardo está fumando muito! Uma caixa aberta ontem; neste jeito acaba-me os charutos.

JORGE

Ah! tu estás tirando os charutos de mano!

PEDRO

Cale a boca, nhonhô Jorge! É para fumar quando nós formos passear lá na Glória, de tarde.

JORGE
Amanhã?

PEDRO
Sim.

JORGE
Eu vou pedir a mamãe.

PEDRO
Espere, deite sobrescrito neste verso. (*Jorge tira um envelope roxo*)
Roxo, não; viúva não gosta desta cor; verde, cor de esperança!

JORGE
Toma!

PEDRO
Pronto!... Agora Pedro chega lá, deita na banquinha de costura, volta as costas fazendo que não vê! Ela, fogo! (*Finge que beija*) Lê. E guarda no seio, tal qual como se o senhor moço mandasse. O pior é se vai perguntar, como outro dia, por que senhor moço não vai visitar ela; eu respondi que era para não dar que falar; mas viúva não quer saber de nada; está morrendo por tomar banho na igreja para deixar vestido preto!

JORGE
Mas então tu levas versos a ela sem mano mandar?

PEDRO
Pedro sabe o que faz! Agora veja se vai contar!

JORGE
Eu não!! Que me importa isto! (*Sem correndo; batem na porta à esquerda*)

CENA IX

Pedro, Alfredo.

ALFREDO (*entrando*)

O Dr. Eduardo não está?

PEDRO

Não, senhor; saiu, Sr. Alfredo!

ALFREDO (*chegando-se*)

Então, já entregaste?

PEDRO

Hoje mesmo!

ALFREDO

A resposta?

PEDRO

Logo; é preciso dar tempo. Vossa mercê cuida que moça escreve a vapor! Pois não; primeiro passa um dia inteiro a ler a carta, depois outro dia a olhar assim para o ar com a mão no queixo, depois tem dor de cabeça para dormir acordada; por fim vai escrever e rasga um caderno de papel.

ALFREDO

Parece-me que tu me estás enganando; não entregaste a carta a D. Carlotinha, e para te desculpar me contas estas histórias.

PEDRO

Não sou capaz de enganar a meu senhor.

ALFREDO

Pois bem; o que disse ela quando recebeu?

PEDRO

Perguntou quem era vossa mercê.

ALFREDO

E tu, que respondeste?

PEDRO

Ora, já se sabe: moço rico bem parecido.

ALFREDO

Quem te disse que eu era rico? Não quero passar pelo que não sou.

PEDRO

Não tem nada; riqueza faz crescer amor.

ALFREDO (*rindo*)

Também sabes isto?... Mas depois, que fez ela da carta?

PEDRO

Deitou no bolso. Fui eu que deitei; mas é o mesmo.

ALFREDO

Como? Foste tu que deitaste...

PEDRO

No bolso do vestido! Ela estava com vergonha. Sr. Alfredo não sabe moça como é, não?

ALFREDO

Bem; olha que espero a resposta!

PEDRO

Dê tempo ao tempo, que tudo se arranja.

CENA X

Os mesmos, Carlotinha.

CARLOTINHA (*fora*)

Pedro!

PEDRO (*puxando Alfredo para a porta*)
É nhanhã!

ALFREDO
Não faz mal!

PEDRO
Este negócio assim não está bom, não!

ALFREDO
Por quê?

CARLOTINHA (*entra com a mão no bolso*)
Moleque, tu tiveste o atrevimento... (*Vendo Alfredo*) Ah!

ALFREDO
Perdão, minha senhora; procurava o Dr. Eduardo.

CARLOTINHA (*confusa e corando*)
Ele saiu... Eu vou chamar mamãe... (*Vai à porta*)

ALFREDO
Não precisa, minha senhora, eu me retiro já; mas antes desejava ter a honra de... (*Dá um passo*)

PEDRO (*baixo, puxando-lhe pela manga*)
Não assuste a moça! Senão está tudo perdido.

ALFREDO
E não hei de fazer a declaração do meu amor?

PEDRO
Qual declaração! Já não se usa!

ALFREDO
Então julgas que não devo falar-lhe?

PEDRO

Nem uma palavra. Mostre-se arrufado, que é para ela responder. Moça é como carrapato, quanto mais a gente machuca, mais ela se agarra.

ALFREDO

Ah! Ela não quer responder-me! (*Cumprimenta friamente*)

CARLOTINHA

Não espera por mano?

ALFREDO (*secamente*)

Obrigado; não desejo incomodá-la.

CARLOTINHA

A mim!

(*Alfredo sai*)

CENA XI

Carlotinha, Pedro.

CARLOTINHA

Nem sequer me olhou! E diz que gosta de mim! A primeira vez que me fala...

PEDRO

O moço está queimado, hi!...

CARLOTINHA

Ora, que me importa? O que te disse ele?

PEDRO

Perguntou por que nhanhã não queria responder à carta dele.

CARLOTINHA

Ah! É sobre isto mesmo... Tu sabes o que vim fazer, Pedro?

PEDRO (*rindo-se*)

Veio ver Sr. Alfredo!

CARLOTINHA

Eu adivinhava que ele estava aqui?... Vim te chamar porque mamãe quer te perguntar donde saiu esta carta que deitaste no meu bolso.

PEDRO

Nhanhã foi dizer?... Pois não!... Esta Pedro não engole.

CARLOTINHA

Chego na sala; vou meter a mão no bolso, encontro um papel; abro-o; é uma carta de namoro! Não sei como mamãe não percebeu!...

PEDRO (*sorrindo*)

Ah! Nhanhã abriu!... Então leu.

CARLOTINHA

Não li! É mentira

PEDRO (*com um muxoxo*)

Mosca anda voando; tocou no mel, caiu dentro do prato. Nhanhã leu!

CARLOTINHA

E que tinha que lesse?

PEDRO

Se leu, deve responder!

CARLOTINHA

Faz-te de engraçado! (*Dando a carta*) Toma; não quero!

PEDRO

Nhanhã faz isto a um moço delicado!

CARLOTINHA

Saiu; e nem sequer me olhou.

PEDRO

Não sabe por quê? Porque Nhanhã não quis responder à carta dele.

CARLOTINHA

E o que hei de eu responder?

PEDRO

Um palavreado, como Nhanhã diz quando está no baile.

CARLOTINHA

Mas ele escreveu em verso.

PEDRO

Ah, é verso! E vossa mercê não sabe fazer verso?

CARLOTINHA

Eu não; nunca aprendi.

PEDRO

É muito fácil, eu ensino a Nhanhã; vejo Sr. moço Eduardo fazer. Quando é esta coisa que se chama prosa, escreve-se O papel todo; quando é verso, é só no meio, aquelas carreirinhas. *(Vai à mesa)* Olhe! olhe, Nhanhã!

CARLOTINHA

Sabes que mais? A resposta que eu tenho de dar é esta: dize-lhe que, se deseja casar comigo, fale a mano.

PEDRO

Ora, tudo está em receber a primeira; depois é carta para lá e carta para cá; a gente anda como correio de ministro.

CARLOTINHA

Eu te mostrarei. (*Sai*)

CENA XII

Pedro, depois Eduardo e Azevedo.

(Pedro vai sair à esquerda, e encontra-se com Eduardo)

EDUARDO

Onde vai?

PEDRO

La abrir a porta a meu senhor!

EDUARDO *(para a escada)*

Entra, Azevedo! Eis aqui o meu aposento de rapaz solteiro; uma sala e uma alcova. É pequeno, porém basta-me!

AZEVEDO

É um excelente *appartement!* Magnífico para um garçom...
(Apontando para Pedro) Este é o teu *valet de chambre?*

EDUARDO

É verdade; um vadio de conta!

PEDRO *(a Azevedo, em meia voz)*

Hô!... Senhor está descompondo Pedro na língua de francês.
(Azevedo ri-se)

EDUARDO *(correndo ao aposento)*

Deste lado é o interior da casa; aqui tenho janelas para um pequeno jardim e uma bela vista. Vivo completamente independente da família. *(Apontando para a porta da esquerda)* Tenho esta entrada separada. Por isso podes vir conversar quando quiseres, sem a menor cerimônia; estaremos em perfeita liberdade escolástica.

AZEVEDO

Obrigado, hei de aparecer. (*Olhando os quadros*) Ah! tens as tuas paisagens *signées* Lacroix? Mas não são legítimas; vi-as em Paris *chez Guinot*; fazem uma diferença enorme.

EDUARDO

Não há dúvida; mas não as comprei pelo nome, achei-as bonitas. Queres fumar?

AZEVEDO

Aceito. Esqueci o meu *porte-cigarres*. São excelentes os teus charutos. Onde os compras? No Desmarais?

EDUARDO

Onde os encontro melhores. (*Pedro acende uma vela e oferece o fogo*)

PEDRO (*baixo*)

Rapaz muito desfrutável, senhor moço! Parece cabeleireiro da Rua do Ouvidor!

EDUARDO

Cala-te! (*Pedro sai*)

AZEVEDO (*acende o charuto*)

Obrigado!... Eis o que se chama em Paris — *parfumer la causerie*!

EDUARDO (*sentando-se na otomana*)

Com que então, vais te casar? Ora quem diria que aquele Azevedo, que eu conheci tão volúvel, tão apologista do celibato...

AZEVEDO

E ainda sou, meu amigo; dou-te de conselho que não te cases. O celibato é o verdadeiro estado!... Lembra-te que Cristo foi *garçon*!

EDUARDO

Sim; mas as tuas teorias não se conformam com esse exemplo de sublime castidade!

AZEVEDO

Considera, meu caro, a diferença que vai da divindade ao homem.

EDUARDO

Mas enfim, sempre te resolveste a casar?

AZEVEDO

Certas razões!

EDUARDO

Uma paixão?

AZEVEDO

Qual! Sabes que sou incapaz de amar o quer que seja. Algum tempo quis convencer-me que o meu *eu* amava a minha *bête*, que era egoísta, mas desenganei-me. Faço tão pouco caso de mim, como do resto da raça humana.

EDUARDO

Assim, não amas a tua noiva?

AZEVEDO

Não, decerto.

EDUARDO

É rica, talvez; casas por conveniências?

AZEVEDO

Ora, meu amigo, um moço de trinta anos, que tem, como eu, uma fortuna independente, não precisa tentar a *chasse au mariage*. Com trezentos contos pode-se viver.

EDUARDO

E viver brilhantemente; porém não compreendo então o motivo...

AZEVEDO

Eu te digo! Estou completamente *blasé*, estou gasto para essa vida de *flaneur* dos salões; Paris me saciou. *Mabille* e *Château des Fleurs* embriagaram-me tantas vezes de prazer que me deixaram insensível. O amor hoje é para mim um copo de *Cliqcot* que espuma no cálice, mas já não me tolda o espírito!

EDUARDO (*rindo*)

E esperaste chegar a este estado para te casares?

AZEVEDO

Justamente. Tiro disso duas conveniências: a primeira é que um marido como eu está preparado para desempenhar perfeitamente o seu grave papel de carregador do mantelete, do leque ou do binóculo, e de apresentador dos apaixonados de sua mulher.

EDUARDO

Com efeito! Admiro o sangue frio com que descreves a perspectiva do teu casamento.

AZEVEDO

Chacun son tour, Eduardo, nada mais justo. A segunda conveniência, e a principal, é que, rico, independente, com alguma inteligência, quanto basta para desperdiçar em uma conversa banal, resolvi entrar na carreira pública.

EDUARDO

Seramente?

AZEVEDO

Já dei os primeiros passos; pretendo a diplomacia ou a administração.

EDUARDO

E para isso precisa casar?

AZEVEDO

Decerto!... Uma mulher é indispensável, e uma mulher bonita!... É o meio pelo qual um homem se distingue no *grand monde*!... Um círculo de adoradores cerca imediatamente a senhora elegante, espirituosa, que fez a sua aparição nos salões de uma maneira deslumbrante! Os elogios, a admiração, a consideração social acompanharão na sua ascensão esse astro luminoso, cuja cauda é uma crinolina, e cujo brilho vem da casa do Valais ou da *Berat*, à custa de alguns contos de réis! Ora, como no matrimônio existe a comunhão de corpo e de bens, os apaixonados da mulher tornam-se amigos do marido, e vice-versa; o triunfo que tem a beleza de uma, lança um reflexo sobre a posição do outro. E assim consegue-se tudo!

EDUARDO

Tu gracejas, Azevedo; não é possível que um homem aceite dignamente esse papel. A mulher não é, nem deve ser, um objeto de ostentação que se traga como um alfinete de brilhante ou uma joia qualquer para chamar a atenção!

AZEVEDO

Bravo! Fizeste a mais justa das comparações, meu amigo! Disseste com muito espírito; a mulher é uma joia, um traste de luxo... E nada mais!

EDUARDO (*erguendo-se*)

Ora, não acredito que fales seriamente!

AZEVEDO (*erguendo-se*)

Podes não acreditar, mas isso não impede que a realidade seja essa. Estás ainda muito poeta, meu Eduardo! Vai a Paris e volta! Eu fui criança no espírito e voltei com a razão de um velho de oitenta anos!

EDUARDO

Mas com o coração pervertido!... Ouve, Azevedo. Estou convencido que há um grande erro na maneira de viver atualmente. A sociedade, isto é, a vida exterior, tem-se desenvolvido tanto que ameaça destruir a família, isto é, a vida íntima. A mulher, o marido,

os filhos, os irmãos, atiram-se nesse turbilhão dos prazeres, passam dos bailes aos teatros, dos jantares às partidas; e quando, nas horas de repouso, se reúnem no interior de suas casas, são como estrangeiros que se encontram um momento sob a tolda do mesmo navio para se separarem logo. Não há ali a doce efusão dos sentimentos, nem o bem-estar do homem que respira numa atmosfera pura e suave. O serão da família desapareceu; são apenas alguns parentes que se juntam por hábito, e que trazem para a vida doméstica, um, o tédio dos prazeres, o outro, as recordações da noite antecedente, o outro, o aborrecimento das vigílias!

AZEVEDO

E que conclusões desta tirada filosófico-sentimental?

EDUARDO

Concluo que é por isso que se encontram hoje tantos moços gastos como tu; tantas moças para quem a felicidade consiste em uma quadrilha; tantos maridos que correm atrás de uma sombra chamada consideração; e tantos pais iludidos que se arruinam para satisfazer o capricho de suas filhas julgando que é esse o meio de dar-lhes a ventura!

AZEVEDO

Realmente estás excêntrico. Onde é que aprendeste estas teorias?

EDUARDO

Na experiência. Também fui atraído, também fui levado pela imaginação que me dourava esses prazeres efêmeros, e conheci que só havia neles de real uma coisa.

AZEVEDO

O quê?

EDUARDO

Uma lição; uma boa e útil lição. Ensinaaram-me a estimar aquilo que eu antes não sabia apreciar; fizeram-me voltar ao seio da família, à vida íntima!

AZEVEDO

Hás de mudar. (*Toma o chapéu e as luvas*)

EDUARDO

Não creio!... Já te vais?

AZEVEDO

Tenho que fazer. Algumas maçadas de homem que se despede de sua vida de *garçon*. Janto hoje com minha noiva; amanhã parto para minha fazenda, onde me demorarei alguns dias, e na volta terei o prazer de te anunciar, com todas as formalidades de estilo, em *carton porcellaine sob o competente enveloppe satinée et dorée sur tranche*, o meu casamento com a Sra. D. Henriqueta de Vasconcelos.

EDUARDO (*surpreso*)

Henriqueta!... Ah! É com ela que te casas?

AZEVEDO

Sim. De que te admiras?

EDUARDO

Julguei que escolhesses melhor! É tão pobre!

AZEVEDO

Mas é bonita e tem muito espírito. Há de fazer furor quando a *Gudin* ajeitá-la à parisiense.

EDUARDO

Dizem que é muito modesta.

AZEVEDO

Toda a mulher é vaidosa, Eduardo; a modéstia mesmo é uma espécie de vaidade inventada pela pobreza para seu uso exclusivo.

EDUARDO

Assim, estás decidido?

AZEVEDO

Mais que decidido! Estou noivo já. Adeus, aparece; andas muito raro. (*Sai*)

CENA XIII

Eduardo, Pedro.

(Eduardo fica um momento pensativo)

PEDRO

O jantar está na mesa.

EDUARDO

Não me maces! Vai-te embora.

PEDRO

Senhor não vem, então?

EDUARDO

Chega aqui. Tu sabias que D. Henriqueta estava para casar?

PEDRO (*perturbado*)

Sabia, sim, senhor; rapariga dela me contou.

EDUARDO

E por que não vieste dizer-me?

PEDRO

Porque vossa mercê me deu ordem que não falasse mais no nome dela.

EDUARDO

É verdade.

CENA XIV

Os mesmos, Carlotinha.

CARLOTINHA (*entrando*)

Demorou-se muito, mano. Eu lhe esperei!... Agora vamos jantar.

EDUARDO

Não; não tenho vontade, deixa-me.

PEDRO

Senhor moço está triste porque sinhá Henriqueta vai casar!

EDUARDO (*erguendo-se*)

Moleque!

CARLOTINHA (*baixo a Eduardo*)

Você sabia? Era dela mesmo que eu queria falar-lhe.

EDUARDO

Sabia; o seu noivo acaba de sair daqui.

CARLOTINHA

Um Azevedo, não é?

EDUARDO

Sim, um homem que, além de não amá-la, estima-a tanto como as suas botas envernizadas e os seus cavalos do Cabo!

CARLOTINHA

Mas você não sabe a razão desse casamento?

EDUARDO

Sei, Carlotinha. Um amor pobre possui tesouros de sentimentos, mas não é moeda com que se comprem veludos e sedas!

CARLOTINHA

Oh! mano, não seja injusto! Ela me contou tudo!

EDUARDO (*com ironia*)
Desejava saber o que te disse.

CARLOTINHA
Logo depois de jantar, no jardim. Venha, mamãe está nos esperando.

ATO II

O jardim da casa de Eduardo; junto do proscênio um caramanchão aberto, com algumas cadeiras de ferro; do lado oposto, acompanhando uma cerca baixa, bancos de madeira. Embaixo do caramanchão uma mesa de pedra; e em cima dela uma pequena bandeja com xícaras de café. Vasos de flores; ornatos de jardim; e arvoredo no fundo. São cinco horas da tarde.

CENA I

Ao levantar o pano Carlotinha e Eduardo, sentados sobre o caramanchão, tem acabado de tomar café; Eduardo fuma. D. Maria, que tem corrido os canteiros, chega-se para eles e senta-se. Eduardo levanta-se para ocultar o charuto.

EDUARDO
Lembras-te do que me prometeste?

CARLOTINHA
Falar-lhe de Henriqueta?... Lembro-me.

EDUARDO
Que te disse ela?

CARLOTINHA
Muita coisa! Mamãe não nos ouvirá? (*Volta-se*)

EDUARDO

Não; podes falar. Estou impaciente!

CARLOTINHA

Aí vem ela!

D. MARIA (*chegando*)

Ora, Carlotinha, tu com as tuas flores tens tomado de tal maneira os canteiros que já não posso plantar uma hortaliça.

CARLOTINHA

Porém, mamãe... É tão bonito a gente ter uma flor, uma rosa para oferecer a uma amiga que nos vem visitar!

D. MARIA

É verdade, minha filha; mas não te lembras que também gostas de dar-lhes uma fruta delicada... Assim os meus morangos estão morrendo, porque as tuas violetas não deixam...

CARLOTINHA

É a flor da minha paixão! As violetas! Que perfume!

D. MARIA

E os meus morangos, que sabor! Não tenho mais um pé de alface ou de chicória...

EDUARDO

Não se agonie, minha mãe, eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal. Deste lado Carlotinha terá o seu jardim; do outro vossa mercê mandará preparar a sua horta.

D. MARIA

Estimo muito, meu filho! É por vocês que eu tomo este trabalho.

EDUARDO

E nós não o sabemos? Todo o nosso amor não paga esses pequenos cuidados, essas atenções delicadas de uma mãe que só vive para seus filhos.

D. MARIA

O único amor que não pede recompensa, Eduardo, é o amor de mãe; mas se eu a desejasse, que melhor podia ter do que o orgulho de ver-te em uma bonita posição, admirado pelos teus amigos e estimado mesmo pelos que não te conhecem?

CARLOTINHA (*sorrindo*)

Não o deite a perder, mamãe; depois fica todo cheio de si!

EDUARDO

Por ter uma irmã como tu, não é?

CARLOTINHA

Não se trata de mim.

D. MARIA (*levantando-se*)

Vocês ficam? A tarde está bastante fresca!

EDUARDO

Já vamos, minha mãe.

(*Sai D. Maria*)

CENA II

Eduardo, Carlotinha.

CARLOTINHA (*acompanha a mãe com os olhos*)

Ora, enfim! Podemos conversar, mano!

EDUARDO

Sim! Estou ansioso por saber o que ela te disse! Com que fim veio ver-te! Naturalmente foi para dar-me mais uma prova de indiferença, participando-te o seu casamento!

CARLOTINHA

Foi para vê-lo uma última vez! Ah! você não se lembra, então, do que se passou! Fala de indiferença? É ela que se queixa da sua frieza, do seu desdém!

EDUARDO

Ela queixa-se... E de mim!... Estava zombando?

CARLOTINHA

Zomba-se com as lágrimas nos olhos e com a voz cortada pelos soluços?

EDUARDO

Que dizes? Ela chorava!...

CARLOTINHA

Sobre o meu seio; e eu não sabia como a consolasse.

EDUARDO

Não compreendo!

CARLOTINHA

Por quê?

EDUARDO

Eu te direi depois. Conta-me o que ela te disse.

CARLOTINHA

Foi tanta coisa!... Sim; disse-me que todos os dias lhe via da casa dela, de manhã e à tarde, na janela do seu quarto.

EDUARDO

É verdade.

CARLOTINHA

Mas que uma tarde, vindo aqui, mano não lhe deu uma palavra.

EDUARDO

E a razão disto não declarou?

CARLOTINHA

Ela ignora!

EDUARDO

Como!

CARLOTINHA

Procurou recordar-se das suas menores ações para ver se poderia ter dado causa à sua mudança; e não achou nada que devesse servir nem mesmo de pretexto.

EDUARDO

Com efeito! o fingimento chega a esse ponto!!

CARLOTINHA

É injusto, mano; aquele amor não se finge. Quando ela me recitou os versos que você lhe mandou...

EDUARDO

Eu... versos?

CARLOTINHA

Sim; uns versos em que a chamava de namoradaira, em que a ridicularizava.

EDUARDO (*levantando-se*)

Mas não há tal, nunca lhe mandei versos!

CARLOTINHA

Ela os recebeu de Pedro; eu os vi, escritos por sua letra.

EDUARDO

Não é possível!

CARLOTINHA

Há nisto algum engano. Deixe-me acabar, depois verá.

EDUARDO

Eu te escuto.

CARLOTINHA

Os seus versos...

EDUARDO

Meus, não.

CARLOTINHA

Pois bem, os versos causaram-lhe uma dor mortal; conheceu que o mano escarnecia dela, e desde então passava as noites a chorar, e o dia a olhar entre as cortinas para ao menos ter o consolo de avistá-lo de longe e de relance. Mas você conservava fechada a única janela na qual ela podia vê-lo.

EDUARDO

Não sabes por quê? Um dia mandou-me dizer por Pedro que a minha curiosidade a incomodava. Desde então privei-me do prazer de olhá-la...

CARLOTINHA

É inexplicável!... Mas como lhe dizia, passaram-se dois meses; ela perdeu a esperança; seu pai tratou de casá-la. Desde que não podia lhe pertencer, pouco lhe importava o homem a quem a destinavam. Consentiu em tudo, mas antes de dar a sua promessa definitiva, quis vê-lo pela última vez.

EDUARDO

Para quê?

CARLOTINHA

Para quê?... O noivo foi hoje jantar em sua casa; aí às três horas devia decidir-se tudo... Pois bem, antes de dizer sim, ela veio e

jurou-me, por sua mãe, que se encontrasse mano em casa, se mano a olhasse docemente, sem aquele olhar severo de outrora...

EDUARDO
Que faria?

CARLOTINHA
Não se casaria e viveria com essa única esperança de que um dia mano compreenderia o seu amor!

EDUARDO
Assim, como não me encontrou...

CARLOTINHA
Como você hão quis vê-la...

EDUARDO
Eu não quis?... É verdade!

CARLOTINHA
Quando o chamei, ela nos esperava toda trêmula.

EDUARDO
Podia eu saber? Podia conceber semelhante coisa à vista do que se passou! (*Refletindo*) Não; não acredito.

CARLOTINHA
O quê?

EDUARDO
Que Pedro tenha maquinado semelhante coisa.

CARLOTINHA
E eu acredito.

EDUARDO
Vou saber disto! Porém, dize-me! Depois?

CARLOTINHA

Você saiu. Eu esperei muito tempo no seu quarto para ver se voltava. Tardou tanto, que por fim vi-me obrigada a desenganá-la.

EDUARDO

Então, ela voltou...

CARLOTINHA

Com o coração partido...

EDUARDO

E foi dar esse consentimento, que seu pai esperava. A esta hora é noiva de um homem que faz dela um objeto de especulação. (*Passa distraído*)

CENA III

Os mesmos, Pedro.

PEDRO (*entrando à Carlotinha*)

Sinhá velha está chamando nãnhã Carlotinha lá na sala.

CARLOTINHA

Para quê?

PEDRO

Para ver moleque de realejo que está passando. (*A meia voz*) Mentira só!

CARLOTINHA (*voltando-se*)

O quê?

PEDRO

Boneco de realejo que está dançando!

CARLOTINHA

Ora, não estou para isso.

PEDRO

Umm!... menina está reinando. Nhanhã não vai?

CARLOTINHA

Que te importa? Chega aqui, quero saber uma coisa.

PEDRO

Que é, nhanhã?

CARLOTINHA (*a Eduardo*)

Mano, vamos perguntar-lhe?

EDUARDO

Deixa estar, eu pergunto! (*Afasta-se com ela*) Escuta, queria pedir-te um favor.

CARLOTINHA

Fale, mano; precisa pedir?

EDUARDO

Desejo falar à Henriqueta. Podes fazer com que ela venha passar a noite contigo?

CARLOTINHA

Vou escrever-lhe! Estou quase certa de que ela vem!

EDUARDO

Obrigado!

(*Sai Carlotinha*)

CENA IV

Eduardo, Pedro.

EDUARDO

Vem cá!

PEDRO

Senhor!

EDUARDO

Responde-me a verdade.

PEDRO

Pedro não mente nunca.

EDUARDO

Que versos são uns que entregaste a D. Henriqueta, de minha parte?

PEDRO (*perturbado*)

Foram versos que senhor escreveu...

EDUARDO

Que eu escrevi?

PEDRO

Sim, senhor.

EDUARDO

A Henriqueta?

PEDRO

Não, senhor.

EDUARDO

A quem, então?

PEDRO

À viúva.

EDUARDO

Que viúva?

PEDRO

Essa que mora aqui adiante; mulher rica, do grande tom.

EDUARDO (*rindo*)

Ah! lembro-me! E tu levaste esses versos à Henriqueta?

PEDRO

Levei, sim, senhor.

EDUARDO (*sério*)

Com que fim, Pedro?

PEDRO

Senhor não se zanga, Pedro diz por que fez isso.

EDUARDO

Fala logo de uma vez. Que remédio tenho eu senão rir-me do que me sucede?

PEDRO

Sinhá Henriqueta é pobre; pai anda muito por baixo; senhor casando com ela não arranja nada! Moça gasta muito; todo o dia vestido novo, camarote no teatro para ver aquela mulher que morre cantando, carro de aluguel na porta, vai passear na Rua do Ouvidor, quer comprar tudo que vê.

EDUARDO

Ora, não sabia que tinha um moralista desta força em casa!

PEDRO

Depois modista, costureira, homem da loja, cabeleireiro, cambista, cocheiro, ourives, tudo mandando a conta e senhor vexado: "Diz que não estou em casa", como faz aquele homem que mora defronte!

EDUARDO

Então foi para que eu não casasse pobre que fizeste tudo isto? Que inventaste o recado que me deste em nome de Henriqueta?...

PEDRO

Pedro tinha arranjado casamento bom; viúva rica, duzentos contos, quatro carros, duas parelhas, sala com tapete. Mas senhor estava enfeitiçado por sinhá Henriqueta e não queria saber de nada. Precisava trocar; Pedro trocou.

EDUARDO

O que é que trocaste?

PEDRO

Verso feio da viúva para sinhá Henriqueta; verso bonito de sinhá Henriqueta foi para a viúva.

EDUARDO

De maneira que estou com um casamento arranjado com uma correspondência amorosa e poética; e tudo isto graças à tua habilidade?

PEDRO

Negócio está pronto, sim senhor; é só querer. Pedro de vez em quando leva uma flor ou um verso que senhor deixa em cima da mesa. Já perguntou por que vossa mercê não vai visitar ela!

EDUARDO (*rindo-se*)

Eis um corretor de casamentos, que seria um achado precioso para certos indivíduos do meu conhecimento! Vou tratar de vender-te a algum deles para que possas aproveitar o teu gênio industrioso.

PEDRO

Oh! Não! Pedro quer servir a meu senhor! Vossa mercê perdoa; foi para ver senhor rico!

EDUARDO

E que lucras tu com isto! Sou tão pobre que te falte aquilo de que precisas? Não te trato mais como um amigo do que como um escravo?

PEDRO

Oh! Trata muito bem, mas Pedro queria que senhor tivesse muito dinheiro e comprasse carro bem bonito para.

EDUARDO

Para... Dize!

PEDRO

Para Pedro ser cocheiro de senhor!

EDUARDO

Então a razão única de tudo isto é o desejo que tens de ser cocheiro?

PEDRO

Sim, senhor!

EDUARDO (*rindo-se*)

Muito bem! Assim, pouco te importava que eu ficasse mal com uma pessoa que estimava; que me casasse com uma velha ridícula, contanto que governasses dois cavalos em um carro! Tens razão!... E eu ainda devo dar-me por muito feliz, que fosse esse o motivo que te obrigasse a trair a minha confiança.

CENA V

Pedro, Carlotinha.

CARLOTINHA (*entrando*)

Já escrevi! (*Olhando*) Ah! Mano não está!... (*Dando com Pedro*) Pedro!...

PEDRO (*olha*)

Nhanhã!

CARLOTINHA

Que fazes tu aí?

PEDRO

Oh! Pedro não está bom hoje, não; senhor está zangado.

CARLOTINHA

Por quê? Por causa de Henriqueta?

PEDRO

Sim. Pedro fez história de negro, enganou senhor. Mas hoje mesmo tudo fica direito.

CARLOTINHA

Que vais tu fazer? Melhor é que estejas sossegado.

PEDRO

Oh! Pedro sabe como há de arranjar este negócio. Nhanhã não se lembra, no teatro lírico, uma peça que se representa e que tem homem chamado Sr. Fígaro, que canta assim:

Trá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-laá-trá!!

Sono un barbiere di qualità!

Fare la barba per carità!...

CARLOTINHA (*rindo-se*)

Ah! O Barbeiro de Sevilha!

PEDRO

É isso mesmo. Esse barbeiro, Sr. Fígaro, homem fino mesmo, faz tanta coisa que arranja casamento de sinhá Rosinha com nhonhô Lindório. E velho doutor fica chupando no dedo, com aquele frade D. Basílio!

CARLOTINHA

Que queres tu dizer com isto?

PEDRO

Pedro tem manha muita, mais que Sr. Fígaro! Há de arranjar casamento de Sr. moço Eduardo com sinhá Henriqueta. Nanhã não sabe aquela ária que canta sujeito que fala grosso? (*Cantando*) "*La calunnia!...*"

CARLOTINHA

Deixa-te de prosas!

PEDRO

Prosa, não; é verso! Verso italiano que se canta!

CARLOTINHA (*rindo*)

Tu também sabes italiano?

PEDRO

Ora! Quando senhor moço era estudante e mandava levar ramo de flor à dançarina do teatro, aquela que tem perna de engonço, Pedro falava mesmo como patricio dela: *Un fiore, signorina!*

CARLOTINHA

Ah! Mano mandava flores a dançarinas... (*A meia voz*) E diz que amava a Henriqueta!

PEDRO

Ora, moço pode gostar de três moças ao mesmo tempo. Esse bicho que se chama amor, está nos olhos, nos ouvidos e no coração: moço gosta de mulher bonita só para ver, de mulher de teatro só para ouvir cantar e de mulher de casamento para pensar nela todo o dia!

CARLOTINHA

Não sejas tolo! A gente só deve gostar de uma pessoa! Aposto que o tal Sr. Alfredo é desses!

PEDRO

Qual! Sr. Alfredo é só de nanhã; mas é preciso responder a ele.

CARLOTINHA

Já não te disse a resposta? Por que não deste?

PEDRO

Homem não gosta dessa resposta de boca, diz que é mentira. Gosta de papelinho para guardar na carteira, lembrando-se do anjinho que escreveu.

CARLOTINHA

Escrever, nunca; não tenho ânimo!...

PEDRO

Pois, olhe, nhanhã tira duas violetas; põe uma nos cabelos, manda outra a ele! Isto de flor!... Hum!... Faz cócegas no coração.

CARLOTINHA

Deste modo... sim... eu podia...

PEDRO

Então vá buscar a flor já! Pedro leva!

CARLOTINHA

Não, não quero!

PEDRO

Eu vou ver!

CARLOTINHA

Não é preciso! Eu tenho!...

PEDRO

Ah! Nhanhã já tem!

CARLOTINHA (*põe a mão no seio*)

Estão aqui.

PEDRO

Melhor! (*estendendo a mão*) Dê cá, nhanhã.

CARLOTINHA (*dando*)

Mas olha!... Não!

PEDRO (*tomando*)

Hi!... Sr. Alfredo vai comer esta violeta de beijo só, quando souber que esteve no seio de nhanhã!

CARLOTINHA

Dá-me! Não quero!

(*Pedro sai correndo*)

CENA VI

Carlottinha, Eduardo.

CARLOTINHA

Meu Deus! (*Eduardo aparece*) Ah! Mano! (*Fica perturbada*)

EDUARDO

Já soube tudo, uma malignidade de Pedro. É a consequência de abrigarmos em nosso seio esses répteis venenosos, que quando menos esperamos nos mordem no coração! Mas, enfim, ainda se pode reparar. Escreveste a Henriqueta?

CARLOTINHA (*cada vez mais perturbada*)

Sim; a resposta não deve tardar!

EDUARDO

Tu és um anjo, Carlottinha!

CARLOTINHA (*com expressão*)

Como se engana, mano!

EDUARDO

Que queres dizer?

CARLOTINHA

Nada! Eu devia lhe contar! Mas...

EDUARDO

Tens alguma coisa a dizer-me? Por que não falas?

CARLOTINHA

Tenho medo!

EDUARDO

De teu irmão! Não tens razão!

CARLOTINHA

Mesmo por ser meu irmão, não gostará...

EDUARDO

Mais um motivo. Um irmão, Carlotinha, é para sua irmã menos do que uma mãe, porém mais do que um pai; tem menos ternura do que uma, e inspira menos respeito do que o outro. Quando Deus o colocou na família a par dessas almas puras e inocentes como a tua, deu-lhe uma missão bem delicada; ordenou-lhe que moderasse para sua irmã a excessiva austeridade de seu pai e a ternura muitas vezes exagerada de sua mãe; ele é homem e moço, conhece o mundo, porém também compreende o coração de uma menina, que é sempre um mito para os velhos já esquecidos de sua mocidade. Portanto, a quem melhor podes contar um segredo do que a mim?

CARLOTINHA

É verdade, suas palavras me decidem. Você é meu irmão, e o chefe da nossa família, desde que perdemos nosso pai. Devo dizer-lhe tudo; tem o direito de repreender-me!

EDUARDO

Cometestes alguma falta?

CARLOTINHA

Creio que sim. Uma falta bem grave!

EDUARDO (*inquieto*)

Minha irmã... Acaso terás esquecido!...

CARLOTINHA

Oh! Se toma esse ar severo, não terei ânimo de dizer-lhe!

EDUARDO (*com esforço*)

Estou calmo, mana, não vês? Fala!

CARLOTINHA

Sim! Sim! É que me custa a dizer!... Não faz ideia!

EDUARDO

Vamos! Coragem!

CARLOTINHA

Conhece um moço, que às vezes lhe vem procurar... chama-se Alfredo!...

EDUARDO

Que tem!...

CARLOTINHA

Pois esse moço... ama-me, e...

EDUARDO

E que fizeste?

CARLOTINHA (*atirando-se ao peito de Eduardo*)

Mandei-lhe uma flor!... Mas uma só!

EDUARDO (*respirando*)

Ah! Assim é esta a falta que cometeste? A primeira e a única!

CARLOTINHA

Não!... Devo dizer-lhe tudo! Li esta carta. Tome, ela queima-me o seio.

EDUARDO (*lendo rapidamente*)

Quem te entregou?

CARLOTINHA

Pedro deitou no meu bolso sem que o percebesse.

EDUARDO

Oh! Eu adivinhava! E respondeste?

CARLOTINHA

Pois a violeta foi a resposta! Não queria dar. Mas lembrei-me que assim como Henriqueta lhe amava, também eu podia amá-lo!...

EDUARDO

Tens razão, minha irmã. Cometeste uma falta, mas te arrependeste a tempo. Não te envergonhes disto; és moça e inexperiente, a culpa foi minha, e minha só.

CARLOTINHA

Sua, mano! Como?

EDUARDO

Eu te digo: acabas de dar-me uma prova do teu discernimento; o que vou dizer-te será uma lição. Os moços, ainda os mais tímidos como eu, minha irmã, sentem quando entram na vida uma necessidade de gozar desses amores que duram alguns dias e que passam deixando o desgosto na alma! Eu fui fascinado pela mesma miragem; depois quis esquecer Henriqueta e procurei nos olhares e nos sorrisos das mulheres um bálsamo para o que eu sofria. Ilusão! O amor vivia, e nas minhas extravagâncias o que eu esquecia é que tinha uma irmã inocente confiada à minha guarda. Imprudente eu abrigava no seio de minha família, no meu lar doméstico, a

testemunha e o mensageiro de minhas loucuras: alimentava o verme que podia crestar a flor de tua alma. Sim, minha irmã! Tu cometeste uma falta; eu cometi um crime!

CARLOTINHA

Não se acuse, mano; é severo demais para uma coisa que ordinariamente fazem os moços na sua idade!

EDUARDO

Porque não refletem!... Se eles conhecessem o fel que encobrem essas rosas do prazer deixá-las-iam murchar, sem sentir-lhes o perfume! Há certos objetos tão sagrados que não se devem manchar nem mesmo com a sombra de um mau exemplo! A reputação de uma moça é um deles. O homem que tem uma família está obrigado a respeitar em todas as mulheres a inocência de sua irmã, a honra de sua esposa e a virtude de sua mãe. Ninguém deve dar direito a que suas ações justifiquem uma suspeita ou uma calúnia.

CARLOTINHA

Está bom, não vá agora ficar triste e pensativo por isso. Já lhe disse tudo, já lhe dei a carta; prometo-lhe não pensar mais nele. Duvida de mim?

EDUARDO

Não. Agradeço a tua confiança e acredita que saberei usar dela. Já volto.

CARLOTINHA

Que vai fazer?

EDUARDO

Escrever uma carta; ou antes, responder à que recebeste.

CARLOTINHA

Como, Eduardo!

EDUARDO

Logo saberás.

CARLOTINHA

Mas não se zangue com ele; sim?

EDUARDO

Tranquiliza-te; ele te interessa, é um título para que eu o respeite.
(*Sai*)

CENA VII

Carlotinha, depois Henriqueta.

HENRIQUETA (*fora*)

Carlotinha!...

CARLOTINHA

Henriqueta! Ah! Eu te esperava!

HENRIQUETA

E tinhas razão... Mas antes de tudo... É verdade?... O que me escreveste?

CARLOTINHA

Sim; ele te ama e te amou sempre! Um engano, uma fatalidade...

HENRIQUETA

Bem cruel!... Eu perdoaria de bom grado à sorte todas as minhas lágrimas, mas não lhe perdoo o fazer-me mulher de outro!

CARLOTINHA

Então, está decidido!

HENRIQUETA

Eu não te disse! Sou sua noiva! Meu pai deu-lhe a sua palavra. Ele me acompanha já com direito de senhor. Por sua causa estive quase não vindo...

CARLOTINHA

Como assim? Ele recusaria...

HENRIQUETA

Não; mas meu pai convidou-o para acompanhar-nos, e eu lembrei-me que Eduardo sofreria tanto vendo-me junto desse homem, que um momento fiquei indecisa!

CARLOTINHA

Por quê? Ele sabe que tu não o amas.

HENRIQUETA

Não importa.

CARLOTINHA

Mas enfim vieste. Fizeste bem!

HENRIQUETA

Não sei se fiz bem. Fui arrastada! Creio que aos pés do altar, se ele me chamasse, eu ainda me voltaria para dizer-lhe, enquanto sou livre, que o amo e que só amarei a ele!

CENA VIII

Os mesmos, Vasconcelos, D. Maria, Azevedo.

VASCONCELOS

Onde está o nosso Doutor? Não há mais quem o veja.

CARLOTINHA

Subiu ao seu quarto, já volta.

VASCONCELOS

Oh! D. Carlotinha! Como está?!... Apresento-lhe meu genro. O Sr. Azevedo. (*A Azevedo*) É a mais íntima amiga de Henriqueta.

AZEVEDO

E eu o mais íntimo amigo de seu irmão! Há, portanto, dois motivos bastante fortes para o meu respeito e consideração.

CARLOTINHA (*secamente*)

Muito obrigada! (*A Henriqueta*) Vai-te sentar; estás toda trêmula! (*Azevedo passeia*)

HENRIQUETA (*baixo*)

E ele, por que não vem?

CARLOTINHA

Não tarda! (*Afastam-se*)

VASCONCELOS (*a D. Maria num canto do jardim*)

Parece-me um excelente moço, e estou certo que há de fazer a felicidade de minha filha.

D. MARIA

É o que desejo; tenho muita amizade à sua menina e estimo que seu marido reúna todas as qualidades.

VASCONCELOS

Para mim, se quer que lhe diga a verdade, só lhe noto um pequeno defeito.

D. MARIA

Qual? É jogador?

VASCONCELOS

Não; o jogo já não é um defeito, segundo dizem; tornou-se um divertimento de bom-tom. O que noto em meu genro, e que desejo corrigir-lhe, é o mau costume de falar metade em francês e metade em português, de modo que ninguém o pode entender!

D. MARIA

Ah! Não observei ainda!

VASCONCELOS

É uma mania que eles trazem de Paris e que os torna sofrivelmente ridículos. Mas não se querem convencer!

AZEVEDO (*aproximando-se*)

Tem um belo jardim, minha senhora, um verdadeiro *bosquet*. Oh! *c'est charmant!* Não perdoe, porém, a meu amigo Eduardo não ter aproveitado para fazer um quiosque. Ficaria magnífico!

VASCONCELOS (*puxando o braço de D. Maria*)

Então, entendeu?

D. MARIA

Não, absolutamente nada!

VASCONCELOS

O mesmo me sucede! Tanto que às vezes ainda duvido que realmente ele me tenha pedido a mão de Henriqueta!

D. MARIA

Ora! É demais! (*Os dois sobem*)

AZEVEDO (*a Carlotinha*)

Aqui passa vossa excelência naturalmente as tardes, conversando com as suas flores, em doce e suave *reverie!*

CARLOTINHA

Não tenho o costume de sonhar acordada; isso é bom para as naturezas poéticas.

AZEVEDO

Les hommes sont poètes; les femmes sont la poésie, disse um distinto escritor. (*Olhando um vaso*) Oh! Eis a flor clássica da beleza.

CARLOTINHA

A camélia?

AZEVEDO

Sim, a camélia é hoje, em Paris, mais do que uma simples flor; é uma condecoração que a moda, verdadeira soberana, dá à mulher elegante.

CARLOTINHA

Parece-me que uma senhora não precisa de outro distintivo além de suas maneiras e de sua graça natural. Que dizes, Henriqueta?

HENRIQUETA

Tens razão, Carlotinha; não é o enfeite que faz a mulher; é a mulher que faz o enfeite, que lhe dá a expressão e o reflexo de sua beleza.

AZEVEDO (*voltando as costas*)

Teorias!... *Fumées d'esprit!*... (*A Carlotinha*) Mas, minha senhora, disse há pouco que se podia fazer deste jardim um paraíso!

CARLOTINHA

Como? Diga-me; quero executar perfeitamente o seu plano.

AZEVEDO

Com muito gosto. Vou traçar-lhe em miniatura o jardim de minha casa; de nossa casa, D. Henriqueta.

CARLOTINHA (*baixo à Henriqueta*)

Deixo-te só! (*Dá o braço a Azevedo*)

AZEVEDO (*afastando-se*)

Aqui *un jet d'eau*. À noite é de um efeito maravilhoso! Além de que espalha uma frescura!

(*Afastam-se*)

CENA IX

Henriqueta, Eduardo, Vasconcelos, D. Maria.

(Henriqueta desfolha uma flor)

HENRIQUETA

Sim... Sim... Sim... *(Sorri)*

(Pausa. Eduardo aparece; e sem ser visto olha um momento a Henriqueta)

EDUARDO *(cumprimentando)*

D. Henriqueta!

HENRIQUETA

Ah!... Sr. Eduardo!

(Eduardo sobe à cena; Vasconcelos e D. Maria descem; encontram-se)

VASCONCELOS

Como está? Eu não passo bem das minhas enxaquecas! *(Aperta a mão)*

D. MARIA

É do tempo!

VASCONCELOS

Qual, D. Maria! Moléstia de velho! *(Olhando)* Onde está ele? *(A Eduardo)* Quero apresentar-lhe meu futuro genro.

(Descem à cena)

EDUARDO

Conheço-o; é um dos meus camaradas de colégio!

VASCONCELOS

Ah! Estimo muito. *(A D. Maria)* Eu cá não tenho camaradas de colégio; mas tenho os de fogo! Na guerra da Independência...

CENA X

Os mesmos. Carlotinha, Azevedo.

AZEVEDO (*voltando*)

Acabo de dar um passeio pelos Campos Elíseos!

CARLOTINHA

Na imaginação... É lisonjeiro para mim! (*Solta o braço e dirige-se à Henriqueta*)

EDUARDO (*voltando-se*)

Boa tarde, Azevedo!

(*Apertam-se as mãos*)

HENRIQUETA (*a Carlotinha*)

Ah! Nunca esperei!

CARLOTINHA

O quê?

HENRIQUETA

Tu me iludiste! (*Afastam-se*)

AZEVEDO (*a Eduardo*)

Participo-te, meu caro, que tens uma irmã encantadora. Estou realmente fascinado. A sua conversa é uma *gerbe* de graça; uma *fusée* de ditos espirituosos!

EDUARDO (*com ironia*)

Admira! Pois nunca foi a Paris, nem está habituada a conversar com os moços elegantes!.

AZEVEDO

É realmente *étonnant*!

VASCONCELOS

Ora, meu genro, se o senhor continua a falar desta maneira, obrigame a trazer no bolso daqui em diante um dicionário de Fonseca.

AZEVEDO (*voltando as costas*)

Os estrangeiros têm razão! Estamos ainda muito atrasados no Brasil!

CARLOTINHA (*com o braço passado pela cintura de Henriqueta*)

Hás de ver se te enganei!

D. MARIA

Entremos, é quase noite!

ATO III

Sala interior da casa de Eduardo; no fundo vê-se a sala de jantar; ao lado esquerdo está a sala de visitas, ao lado direito a escada. Móvelia simples. Mesa redonda no centro; ao lado esquerdo uma conversadeira; ao lado direito outra: junto das conversadeiras mesas de charão. Aparadores com luzes aos lados.

CENA I

Eduardo, Henriqueta, Carlotinha, Azevedo, Vasconcelos, D. Maria, Pedro, Jorge.

(Ao levantar o pano tema-se chá. Na mesa do centro, sobre a qual está a bandeja, Carlotinha e Azevedo. Na conversadeira, à direita, Vasconcelos e D. Maria. Na da esquerda Henriqueta. Eduardo passeia no fundo fumando; às vezes vê as horas no relógio; às vezes aproxima-se. Jorge toma chá numa banquinha de charão à esquerda. Pedro com a bandeja de biscoitos e pão acha-se junto de Jorge)

CARLOTINHA (*rindo-se alto*)

Ora, Sr. Azevedo! Pois o senhor esteve em Paris e não aprendeu a fazer chá?...

AZEVEDO

Paris, minha senhora, não sabe tomar chá, é o privilégio de Londres.

D. MARIA (*a Pedro*)

Serve ao Sr. Vasconcelos.

PEDRO (*baixo, a Jorge*)

Eh! Nhonhô! Hoje não fica pão no prato, velho jarreta limpa a bandeja.

VASCONCELOS (*servindo-se*)

Excelentes fatias! É uma coisa que em sua casa sabem preparar!

CARLOTINHA

Mano Eduardo, venha tomar chá.

EDUARDO

Não; depois.

PEDRO (*baixo, a Carlotinha*)

Nhanhã está enfeitiçando o moço!

CARLOTINHA

Henriqueta, não dizes nada! Estás tão calada!

HENRIQUETA (*olhando Eduardo*)

Tu me deixaste sozinha.

CARLOTINHA

Tens razão!... Ora, mano, deixe-se de passear e venha conversar com a gente.

AZEVEDO

É verdade. Em que pensas, Eduardo? Na homeopatia ou nalguma beleza *inconnue*?

EDUARDO

Penso na teoria do casamento que me expuseste esta manhã; estou convertido às tuas ideias.

AZEVEDO

Ah!... (*Disfarçando*) D. Carlotinha, não quer que a sirva? (*Carlotinha agradece*)

CARLOTINHA (*ergue-se; a Eduardo*)

Vai-te sentar junto de Henriqueta.

EDUARDO (*baixo*)

Não; se me sento junto dela esqueço tudo. Tu me lembraste há pouco que sou o chefe de uma família.

CARLOTINHA

Não lhe entendo.

EDUARDO

Daqui a pouco entenderás.

D. MARIA

Tens alguma coisa, meu filho?

EDUARDO

Não, minha mãe; espero alguém que tarda. (*D. Maria vai à sala de jantar*)

CARLOTINHA (*a Henriqueta*)

Não te zangues!... (*Beija-a na face*)

HENRIQUETA

Não; já estou habituada.

(*Carlotinha senta-se*)

PEDRO (*servindo Henriqueta*)

Senhor moço Eduardo gosta muito de sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA

Agora é que me dizes isto!

PEDRO

Ele há de casar com sinhá!

AZEVEDO (*alto*)

D. Maria, sabe? Sua filha está zombando desapiedadamente de mim.

CARLOTINHA

Não creia, mamãe.

D. MARIA

Decerto; não é possível, Sr. Azevedo.

VASCONCELOS (*a Pedro*)

Deixa ver isto!

PEDRO (*baixo e servindo*)

Senhor Vasconcelos come como impingem!

VASCONCELOS

Hein!...

(*D. Maria senta-se*)

PEDRO

Este pão está muito gostoso!

JORGE

Vem cá, Pedro!

PEDRO (*baixo*)

Guarda, nhonhô! Sinhá velha está só com olho revirado para ver se Pedro mete biscoito no bolso.

CARLOTINHA

Ora, Sr. Azevedo, não gosto de cumprimentos. (*Ergue-se*) Todo esse tempo, Henriqueta, o teu noivo não fez outra coisa senão dirigir-me finezas. Previno-te para que não acredites nelas!

HENRIQUETA (*erguendo-se*)

Estás tão alegre hoje, Carlotinha.

CARLOTINHA (*baixo à Henriqueta*)

Isto quer dizer que estás triste! Tens razão! Fui egoísta. Mas ele te ama.

HENRIQUETA

Tu o dizes!

AZEVEDO (*a Eduardo*)

Realmente não pensava encontrar no Rio de Janeiro uma moça tão distinta como tua irmã. É uma verdadeira parisiense.

CARLOTINHA

Vamos para a sala! Venha Sr. Azevedo. Mano...

(*Saem*)

CENA II

Vasconcelos, Pedro, D. Maria, Jorge.

VASCONCELOS

É preciso também pensar em casar a Carlotinha, D. Maria; já é tempo!

D. MARIA

Sim, está uma moça, mas, Sr. Vasconcelos, não me preocupo com isto. Há certas mães que desejam ver-se logo livres de suas filhas, e que só tratam de casá-las; eu sou o contrário.

VASCONCELOS

Tem razão; também eu se não estivesse viúvo!... Mas isso de um homem não ter a sua dona de casa, é terrível! Anda tudo às avessas.

D. MARIA

Por isso não; Henriqueta é uma boa menina! Bem educada!...

VASCONCELOS

Sim; é uma moça do tom; porém não serve para aquilo que se chama uma dona de casa! Estas meninas de hoje aprendem muita coisa: francês, italiano, desenho e música, mas não sabem fazer um bom doce de ovos, um biscoito gostoso! Isto era bom para o nosso tempo, D. Maria!

D. MARIA

Eram outros tempos, Sr. Vasconcelos; os usos deviam ser diferentes. Hoje as moças são educadas para a sala; antigamente eram para o interior da casa!

VASCONCELOS

Que é o verdadeiro elemento. Confesso que hoje, que vou ficar só, se ainda encontrasse uma daquelas senhoras do meu tempo, mesmo viúva!...

D. MARIA (*ergue-se*)

Vamos ouvir as meninas tocarem piano!... (*Caminhando*) Cá deve estar mais fresco!

(*Durante as cenas seguintes ouve-se, por momentos, o piano*)

CENA III

Pedro, Jorge.

PEDRO (*rindo a batendo na bolacha*)

Hô!... Tábua mesmo na bochecha! Sinhá velha não brinca! Ora, senhor. Homem daquela idade, que não serve para mais nada, querendo casar. Para ter mulher que lhe tome pontos nas meias!

JORGE

Vou me divertir com ele.

PEDRO

Não; sinhá briga. Vá sentar-se lá junto de nhanhã Carlotinha, e ouça o que Sr. Azevedo está dizendo a ela.

JORGE

Para quê?

PEDRO

Para contar a Pedro depois.

JORGE

Eu, não.

PEDRO

Pois Pedro não leva nhonhô para passear na Rua do Ouvidor.

JORGE

Ora, eu já vi!

PEDRO

Mas agora é que está bonita! Tem homem de pau vestido de casaca, com barba no queixo, em pé na porta da loja, e moça rodando como corrupio na vidraça de cabeleireiro.

JORGE

Está bom! Eu vou!

(*Entra Vasconcelos da sala como procurando alguma coisa*)

CENA IV

Pedro, Vasconcelos, Jorge.

VASCONCELOS (*entrando*)

Não deixaria por aqui a minha caixa e o meu lenço? (*Procurando*)

PEDRO (*a Jorge*)

Um dia é capaz também de deixar o nariz!... Vintém é que não esquece nunca! Está grudado dentro do bolso!

JORGE

Lá no sofá, Sr. Vasconcelos!

VASCONCELOS

Ah! Cá está! (*Abrindo a caixa*) Acabou-se-me o rapé! Chega aqui, Pedro!

PEDRO (*a Jorge*)

Já vem maçada! (*Alto*) Senhor quer alguma coisa?

VASCONCELOS

Vai num pulo ali em casa, pede a Josefa que me encha esta caixa de rapé, e traze depressa.

PEDRO

Sim, senhor; Pedro vai correndo.

VASCONCELOS

Olha, não te esqueças de dizer-lhe que eu sei a altura em que deixei o pote. Às vezes gosta de tomar a sua pitada à minha custa. (*Vai sair*)

PEDRO

Mas, Sr. Vasconcelos...

VASCONCELOS (*voltando-se*)

O que é? (*Jorge sai*)

PEDRO

Nhonhô dá uns cobres para comprar... uma jaqueta.

VASCONCELOS

Ora que luxo!... Uma jaqueta com este calor?

PEDRO

É para passear num domingo, dia de procissão!

VASCONCELOS

Pede a teu senhor!

PEDRO

Qual!... Ele não dá!

VASCONCELOS

Bom costume este! Vocês fazem pagar caro o chá que se toma nestas casas! Mas eu não concorro para semelhante abuso!

PEDRO

Ora! dez tostões; moedinha de prata! Chá no hotel custa mais caro!

VASCONCELOS

Sim; vai buscar o rapé e na volta falaremos.

(Batem palmas. Pedro vai à escada; conduz Alfredo e sai de novo; ao mesmo tempo entra Eduardo da esquerda)

CENA V

Eduardo, Alfredo.

ALFREDO

Boa noite. (*Adiantando-se*) Ah! Dr. Eduardo...

EDUARDO

Sente-se, Sr. Alfredo; preciso falar-lhe.

ALFREDO

Peço-lhe desculpa de me ter demorado; mas quando levaram o seu bilhete não estava em casa; há pouco é que recebi e imediatamente.

EDUARDO

Obrigado; o que vou dizer-lhe é para mim de grande interesse, e por isso espero que me ouça com atenção.

ALFREDO

Estou às suas ordens.

(*Sentam-se*)

EDUARDO (*tirando a carta*)

Senhor Alfredo, minha irmã me pediu que lhe entregasse esta carta.

ALFREDO

A minha!...

EDUARDO

Sim. Quanto à resposta, é a mim que compete dá-la. É o direito de um irmão, não o contestará, decerto.

ALFREDO (*erguendo-se*)

Pode fazer o que entender.

EDUARDO

Queira sentar-se, senhor, creio que falo a um homem de honra, que não deve envergonhar-se dos seus atos.

ALFREDO (*sentando-se*)

Eu o escuto!

EDUARDO (*sentando-se*)

Não pense que vou dirigir-lhe exprobrações. Todo o homem tem o direito de amar uma mulher; o amor é um sentimento natural e espontâneo, por isso não estranho, ao contrário, estimo, que minha irmã inspirasse uma afeição a uma pessoa cujo caráter aprecio.

ALFREDO

Então não sei para que essa espécie de interrogatório!...

EDUARDO

Interrogatório? Ainda não lhe fiz uma só pergunta, e nem preciso fazer. Tenho unicamente um obséquio a pedir-lhe; e depois nos separaremos amigos ou simples conhecidos.

ALFREDO

Pode falar, Dr. Eduardo. Começo a compreendê-lo; e sinto ter a princípio interpretado mal as suas palavras.

EDUARDO

Ainda bem! Eu sabia que nos havíamos de entender; posso ser franco. Um homem que ama realmente uma moça, Sr. Alfredo, não deve expô-la ao ridículo e aos motejos dos indiferentes; não deve deixar que a sua afeição seja um tema para a malignidade dos vizinhos e dos curiosos.

ALFREDO

Uma acusação imerecida. Não dei ainda motivos...

EDUARDO

Estou convencido disso, e é justamente para que não os dê e não siga o exemplo de tantos outros, que tomei a liberdade de escrever-lhe convidando-o a vir aqui esta noite. Quero apresentá-lo à minha família.

ALFREDO

Como? Apesar do que sabe? E do que se passou?

EDUARDO

Mesmo pelo que sei e pelo que se passou. Tenho a este respeito certas ideias, não sou desses homens que entendem que a reputação de uma mulher deve ir até o ponto de não ser amada. Mas é no seio de sua família, ao lado de seu irmão, sob o olhar protetor de sua mãe, que uma moça deve receber o amor puro e casto daquele que ela tiver escolhido.

ALFREDO

Assim, me permite...

EDUARDO

Não permito aquilo que é um direito de todos. Somente lhe lembrarei uma coisa, e para isso não é necessário invocar a amizade. Qualquer alma, ainda a mais indiferente, compreenderá o alcance do que vou dizer.

ALFREDO

Não sei o que quer lembrar-me, doutor; se é, porém, o respeito que me deve merecer sua irmã, é escusado.

EDUARDO

Não; não é isso, nesse ponto confio no seu caráter, e confio sobretudo em minha irmã. O que lhe peço é que, antes de aceitar o oferecimento que lhe fiz, reflita. Se a sua afeição é um capricho passageiro, não há necessidade de vir buscar, no seio da família, a flor modesta que se oculta na sombra e que perfuma com a sua pureza a velhice de uma mãe, e os íntimos gozos da vida doméstica. O senhor é um moço distinto; pode ser recebido em todos os salões. Aí achará os protestos de um amor rapidamente esquecido; aí no delírio da valsa, e no abandono do baile, pode embriagar-se de prazer. E quando um dia sentir-se saciado, suas palavras não terão deixado num coração virgem o germe de uma paixão, que aumentará com o desprezo e o indiferentismo.

ALFREDO

A minha afeição, Dr. Eduardo, é séria e não se parece com esses amores de um dia!

EDUARDO

Bem; é o que desejava ouvir-lhe. (*Erguendo-se, vai a porta da sala, abre e faz um aceno para dentro*)

CENA VI

Os mesmos, Carlotinha.

EDUARDO

Vem, mana; quero apresentar-te um dos meus amigos.

ALFREDO (*perturbado*)

Minha senhora!... Estimo muito!...

CARLOTINHA (*confusa*)

Agradeço!... (*A Eduardo, e à meia voz*) Mano!... Que quer dizer isto?

EDUARDO

Uma coisa muito simples! Desejo que vejas de perto o homem que te interessa; conhecerás se ele é digno de ti.

CARLOTINHA (*com arrufo*)

Não quero!... Não gosto dele!

EDUARDO (*rindo-se*)

Dir-lhe-ás isto mesmo. Em todo o caso é um amigo de teu irmão! (*a Alfredo*) Previno-lhe, Sr. Alfredo, que não usamos cerimônias!

ALFREDO

Obrigado; quando se está entre amigos a intimidade é a mais respeitosa e a mais bela das etiquetas.

EDUARDO

Muito bem dito!

(Pedro atravessa a cena, entra na sala com a caixa de rapé, volta, e vem aparecer na porta do lado oposto)

D. MARIA *(entrando)*

Henriqueta te chama, Carlotinha!

CARLOTINHA

Sim, mamãe! *(Sai)*

EDUARDO *(a Alfredo)*

É minha mãe! *(A D. Maria)* Um dos meus amigos, o Sr. Alfredo, que vem pela primeira vez a nossa casa e que, espero, continuará a frequentá-la.

ALFREDO

Terei nisto o maior prazer. Eu estimava já, sem conhecê-la, a sua família.

D. MARIA

Pois venha sempre que queira. Os amigos de Eduardo são aqui recebidos como filhos da casa!

ALFREDO

Não mereço tanto, e a sua bondade, minha senhora, honra-me em extremo.

EDUARDO

Vamos, estão aqui na sala algumas pessoas de nossa amizade, a quem desejo apresentá-lo.

ALFREDO

Com muito gosto.

D. MARIA

Eu já volto!

(Saem os dois à direita. D. Maria pelo fundo. Pedro entra do gabinete)

CENA VII

Pedro, Carlotinha.

CARLOTINHA

Pedro, traz copos d'água na sala.

PEDRO

Hô! Nhanhã!... Rato está dentro do queijo!

CARLOTINHA

Não te entendo!

PEDRO

Senhor Alfredo já sentado junto do piano, só alisando o bigodinho!

CARLOTINHA (*rindo*)

Que tem isso?

PEDRO

Eh!... Casamento está fervendo! Pedro vai mandar lavar camisa de prega para o dia do banquete.

CARLOTINHA

Não andes dizendo estas coisas!

PEDRO

Ora não faz mal! E Sr. Azevedo? Nhanhã viu! Está caído também, só arrastando a asa!

CARLOTINHA (*rindo-se*)

Pedro!

CENA VIII

Entra D. Maria de um lado e Eduardo do fundo.

D. MARIA

Onde vais?

EDUARDO

Vinha mesmo em sua procura, minha mãe.

D. MARIA

Precisas falar-me?

EDUARDO

Quero dizer-lhe uma coisa que lhe interessa. Este moço, Alfredo...

D. MARIA

O teu amigo... que me apresentaste?

EDUARDO

Ama Carlotinha!

D. MARIA

Ah! E ela sabe?

EDUARDO

Sabe e talvez já o ame!

D. MARIA

Não é possível! Tua irmã!...

EDUARDO

Sim, minha mãe; ela o ama, sem compreender ainda o sentimento que começa a revelar-se.

D. MARIA

E esse moço abriu-se contigo e pediu-te a mão de tua irmã?

EDUARDO

Não, minha mãe; eu disse-lhe que sabia a afeição que tinha a Carlotinha, e por isso queria apresentá-lo à minha família.

D. MARIA

E exigiste dele a promessa de casar-se com ela?

EDUARDO

Não; não exigi promessa alguma.

D. MARIA

Foi ele então que a fez espontaneamente?

EDUARDO

Não podia fazer, porque não tratamos de semelhante coisa.

D. MARIA

Mas, meu filho, não te entendo. Tu chamas para o interior da família um homem que faz a corte à tua irmã e nem sequer procuras saber as suas intenções!

EDUARDO

As intenções de um homem, ainda o mais honrado, minha mãe, pertencem ao futuro, que faz delas uma realidade ou uma mentira. Para que obrigar um moço honesto a mentir e faltar à sua palavra?...

D. MARIA

Assim, tu julgas que é inútil pedir ou receber uma promessa?

EDUARDO

Completamente inútil, quando a promessa não constitui uma verdadeira obrigação social e um direito legítimo.

D. MARIA

Não te percebo!

EDUARDO

É preciso conhecer o coração humano, minha mãe, para saber quanto as pequeninas circunstâncias influem sobre os grandes sentimentos. O amor, sobretudo, recebe a impressão de qualquer acidente, ainda o mais imperceptível. O coração que ama de longe, que concentra o seu amor por não poder exprimi-lo, que vive separado pela distância, irrita-se com os obstáculos, e procura vencê-los para aproximar-se. Nessa luta da paixão cega todos os meios são bons: o afeto puro muitas vezes degenera em desejo insensato e recorre a esses ardis de que um homem calmo se envergonharia; corrompe os nossos escravos, introduz a imoralidade no seio das famílias, devassa o interior da nossa casa, que deve ser sagrada como um templo, porque realmente é o templo da felicidade doméstica.

D. MARIA

Nisto tens razão, meu filho! É essa a causa de tantas desgraças que se dão na nossa sociedade e com pessoas bem respeitáveis; mas qual o meio de evitá-las?

EDUARDO

O meio?... É simples; é aquele que acabo de empregar e que vossa mercê estranhou. Tire ao amor os obstáculos que o irritam, a distância que o fascina, a contrariedade que o cega, e ele se tornará calmo e puro como a essência de que dimana. Não há necessidade de recorrer a meios ocultos, quando se pode ver e falar livremente; no meio de uma sala, no seio da intimidade, troca-se uma palavra de afeto, um sorriso, uma doce confiança; mas, acredite-me, minha mãe, não se fazem as promessas e concessões perigosas que só arranca o sentimento da impossibilidade.

D. MARIA

Mas supõe que esse homem, que parece ter na sociedade uma posição honesta, não é digno de tua irmã, e que, portanto, com este meio, proteges uma união desigual?

EDUARDO

Não tenho esse receio. Ninguém conhece melhor o homem que a ama, do que a própria mulher amada; mas para isso é preciso que o veja de perto, sem o falso brilho, sem as cores enganadoras que a imaginação empresta aos objetos desconhecidos e misteriosos. Numa carta apaixonada, numa entrevista alta noite, um desses nossos elegantes do Rio de Janeiro pode parecer-se com um herói de romance aos olhos de uma menina inexperiente; numa sala, conversando, são, quando muito, moços espirituosos ou frívolos. Não há heróis de casaca e luneta, minha mãe; nem cenas de drama sobre o eterno tema do calor que está fazendo.

D. MARIA (*rindo*)

Pensa bem, Eduardo!

EDUARDO

Continue a educar o espírito da sua filha como tem feito até agora; e fique certa que, se Alfredo tivesse uma alma pequena e um mau caráter, Carlotinha descobriria primeiro, com a segunda vista do amor, do que a senhora com toda a sua solicitude e eu com toda a minha experiência.

D. MARIA

Desculpa, Eduardo. Sou mulher, sou mãe, sei adorar meus filhos, viver para eles, mas não conheço o mundo como tu. Assustei-me vendo que um perigo ameaçava tua irmã; tuas palavras, porém, tranquilizaram-me completamente.

CENA IX

Os mesmos, Carlotinha, Azevedo.

(Carlotinha dirige-se a Eduardo)

AZEVEDO

Pode-se fumar nesta sala?

EDUARDO

Por que não? Vou mandar-lhe dar charutos.

CARLOTINHA (*baixo a Eduardo*)

Por que nos deixou, mano? Henriqueta está tão triste!

EDUARDO

Tratava da tua felicidade. (*Sobe*)

D. MARIA

Acha a nossa casa muito insípida, não é verdade, Sr. Azevedo?

AZEVEDO

Ao contrário, minha senhora, muito agradável; aqui pode-se estar perfeitamente à *son aise*.

EDUARDO (*a Pedro, na porta*)

Traz charutos.

CENA X

Azevedo, Eduardo.

AZEVEDO (*sentando-se em uma conversadeira*)

Realmente, Henriqueta perde vista em uma sala; não tem aquele espírito que brilha, aquela graça que seduz, aquela altivez misturada de uma certa *nonchalance*, que distingue a mulher elegante.

EDUARDO (*rindo-se*)

Como! Já estás arrependido?

AZEVEDO

Não; não digo isto! É apenas uma comparação que acabo de fazer. Tua irmã Carlotinha é o contrário.

(*Pedro entra*)

EDUARDO

Sabes a razão disto?

AZEVEDO

Não...

EDUARDO (*saindo*)

É porque já vês Henriqueta com olhos de marido!

AZEVEDO

Talvez...

CENA XI

Azevedo, Pedro.

PEDRO

Charutos, Sr. Azevedo; havanas de primeira qualidade, da casa de Wallerstein!

AZEVEDO (*sorrindo*)

Pelo que vejo já os experimentaste! (*Toma os charutos*)

PEDRO

Pedro não fuma, não senhor; isto é bom para moço rico, que passeia de tarde, vendo as moças.

AZEVEDO (*rindo*)

Então é preciso fumar para ver as moças?

PEDRO

Oh! Moça não gosta de rapaz que toma rapé, não, como esse velho Sr. Vasconcelos, que anda sempre pingando. Velho porco mesmo!...

AZEVEDO (*rindo*)

Mas tem uma filha bonita!

PEDRO

Sinhá Henriqueta! Noiva de senhor!...

AZEVEDO

Tu já sabes?...

PEDRO

Ora, já está tudo cheio. Na Rua do Ouvidor não se fala de outra coisa.

AZEVEDO

Ah! Quem espalharia? Apenas participei a alguns amigos...

PEDRO

O velho foi logo dizer a todo o mundo. Vossa mercê não sabe por quê?

AZEVEDO

Não; por quê?

PEDRO

Porque... Esse velho deve àquela gente toda da Rua do Ouvidor; filha dele gasta muito, credor não quer mais ouvir história e vai embrulhar o homem em papel selado. Então, para acomodar lojista, foi logo contar que estava para casar a filha com sujeito rico, que há de cair com os cobres!

AZEVEDO

Isso é verdade, moleque?

PEDRO

Caixeiro da loja me contou!

AZEVEDO

Mas é infame... Um tal procedimento!... Especular com a minha boa fé!

PEDRO

Senhor Azevedo, não faz ideia. Esse velho, hi!... Tem feito coisas...

AZEVEDO

Vem cá; diz-me o que sabes, e dou-te uma molhadura.

PEDRO

Pedro diz, sim senhor; mesmo que vossa mercê não dê nada. É um homem que ninguém pode aturar... Fala mal de todo o mundo. Caloteiro como ele só. Rapé que toma é de meia cara. Na venda ninguém lhe dá nem um vintém de manteiga. Quando passa na rua, caixeiro, moleque, tudo zomba dele.

AZEVEDO

Um sogro dessa qualidade!... É uma vergonha! Vejo-me obrigado a ir viver na Europa!...

PEDRO

Pedro já vem!... *(Vai à porta espiar e volta)* Filha dele, sinhá Henriqueta... Mas Sr. Azevedo vai casar com ela!...

AZEVEDO

Que tem isso? Gosto de conhecer as pessoas com quem tenho de viver.

PEDRO

Pois então, Pedro fala; mas não diga a ninguém.

AZEVEDO

Podes ficar descansado!

PEDRO

Senhor Azevedo acha ela bonita?

AZEVEDO

Acho; por isso é que me caso.

PEDRO

Moça muda muito vista na sala!

AZEVEDO

Que queres dizer?

PEDRO

Modista faz milagre!

AZEVEDO

Então ela não é bem feita de corpo?

PEDRO

Corpo?... Não tem! Aquilo tudo que senhor vê é pano só! Vestido vem acolchado da casa da Bragaldi; algodão aqui (*cadeiras*), algodão aqui (*peito*), algodão aqui! (*braços*) Cinturinha faz suar rapariga dela; uma apertada de lá, outra apertada de cá...

AZEVEDO

Não acredito! Estás aí a pregar-me mentiras.

PEDRO

Mentira! Pedro viu com estes olhos. Um dia de baile ela foi tomar respiração, cordão quebrou; e rapariga, bum: lá estirada. Moça ficou desmaiada no sofá; preta deitando água-de-colônia na testa para voltar a si.

AZEVEDO

E tu viste isto?

PEDRO

Vi, sim senhor; Pedro tinha ido levar *bouquet* que nhanhã Carlotinha mandava. Mas depois viu outra coisa... Um!...

AZEVEDO

Que foi? dize; não me ocultes nada.

PEDRO

Água-de-colônia caiu no rosto e desmanchou reboque branco!...

AZEVEDO

Que diabo de história é esta! Reboque branco?

PEDRO

Ora, senhor não sabe; este pó que mulher deita na cara com pincel. Sinhá Henriqueta tem rosto pintadinho, como ovo de peru; para não aparecer, caia com pó de arroz e essa mistura que cabeleireiro vende.

AZEVEDO

Que mulher, meu Deus! Como um homem vive iludido neste mundo! Aquela candura...

PEDRO

Moça bonita é nhanhã Carlotinha! Essa sim! Não tem cá panos, nem pós! Pezinho de menina; cinturinha bem feitinha; não carece apertar! Sapatinho dela parece brinquedo de boneca. Cabelo muito; não precisa de crescente. Não é como a outra!

AZEVEDO

Então, D. Henriqueta tem o pé grande?

PEDRO (*fazendo o gesto*)

Isto só! Palmo e meio!... Às vezes nhanhã Carlotinha e as amigas zombam deveras! Mas não pergunte a ela, não? Sinhá velha fica maçada.

AZEVEDO

Não; não me importo com isto; mas vem cá; dize-me, nhanhã Carlotinha não gosta de moço nenhum?

PEDRO

Qual! Zomba deles todos. Esse rapaz, Sr. Alfredo, anda se engraçando, mas perde seu tempo. Homem sério assim, como Sr. Azevedo, é que agrada a ela.

AZEVEDO

Então pensas que...

PEDRO

Pedro não pensa nada! Viu só quando se tomava chá, risozinho faceiro... segredinho baixo...

AZEVEDO (*desvanecido*)

Não quer dizer nada!... Moças!

CENA XII

Os mesmos e Alfredo.

ALFREDO (*na porta da sala, a Eduardo*)

Não se incomode. Boa noite!... (*Tira um charuto e dirige-se a Azevedo*)

PEDRO (*baixo*)

Então, Sr. Alfredo!...

ALFREDO (*com severidade*)

Deixa-me.

PEDRO (*à meia voz*)

Está todo emproado!... Como não precisa mais...

AZEVEDO (*dando fogo a Alfredo*)

Pedro, amanhã vai à minha casa; tenho uns livros para mandar a Eduardo.

PEDRO

Sim, senhor. A que horas?

AZEVEDO

Depois do almoço.

CENA XIII

Alfredo, Azevedo.

ALFREDO

É raro encontrá-lo agora, Sr. Azevedo. Já não aparece nos bailes, nos teatros.

AZEVEDO

Estou-me habituando à existência monótona da família.

ALFREDO

Monótona?

AZEVEDO

Sim. Um piano que toca, duas ou três moças que falam de modas; alguns velhos que dissertam sobre a carestia dos gêneros alimentícios e a diminuição do peso do pão, eis um verdadeiro tableau de família no Rio de Janeiro. Se fosse pintor faria um primeiro *prix au Conservatoire des Arts*.

ALFREDO

E havia de ser um belo quadro, estou certo; mais belo sem dúvida do que uma cena de salão.

AZEVEDO

Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que aqui, se não fosse essa menina que realmente é espirituosa, D. Carlotinha, que faríamos, senão dormir e abrir a boca?

ALFREDO

É verdade; aqui dorme-se, porém sonha-se com a felicidade; no salão vive-se, mas a vida é uma bem triste realidade. Ao invés de um piano há uma rabeca, as moças não falam de modas, mas falam de bailes; os velhos não dissertam sobre a carestia, mas ocupam-se com a política. Que diz deste quadro, Sr. Azevedo, não acha que

também vale a pena de ser desenhado por um hábil artista, para a nossa "Academia de Belas-Artes?"

AZEVEDO

A nossa "Academia de Belas-Artes?" Pois temos isto aqui no Rio?

ALFREDO

Ignorava?

AZEVEDO

Uma caricatura, naturalmente... Não há arte em nosso país.

ALFREDO

A arte existe, Sr. Azevedo, o que não existe é o amor dela.

AZEVEDO

Sim, faltam os artistas.

ALFREDO

Faltam os homens que os compreendam; e sobram aqueles que só acreditam e estimam o que vem do estrangeiro.

AZEVEDO (*com desdém*)

Já foi a Paris, Sr. Alfredo?

ALFREDO

Não, senhor; desejo, e ao mesmo tempo receio ir.

AZEVEDO

Por que razão?

ALFREDO

Porque tenho medo de, na volta, desprezar o meu país, ao invés de amar nele o que há de bom e procurar corrigir o que é mau.

AZEVEDO

Pois aconselho-lhe que vá quanto antes! Vamos ver estas senhoras!

ALFREDO

Passe bem.

CENA XIV

Os mesmos, Carlotinha, Henriqueta.

CARLOTINHA (*a Henriqueta*)

Já tão cedo? Que horas são, Sr. Azevedo?

ALFREDO

Nove e meia.

AZEVEDO

Quase dez. Como passa rapidamente o tempo aqui! (*Entra na sala*)

CARLOTINHA

Então! Demora-te mais algum tempo. Sim?

HENRIQUETA (*baixo*)

Para quê?... Ele nem me fala!

ALFREDO

Minhas senhoras! Boa noite, D. Carlotinha.

CARLOTINHA

Adeus, Sr. Alfredo. Mamãe já lhe disse que a nossa casa está sempre aberta para receber os amigos.

ALFREDO

Se eu não temesse abusar...

CARLOTINHA (*sorrindo e estendendo-lhe a mão*)

Até amanhã!

ALFREDO

Boa noite! (*Sai*)

CENA XV

Carlotinha, Henriqueta.

CARLOTINHA

Olha, Henriqueta! Tu não tens razão! Eduardo te ama, ele já me disse. Se hoje não tem falado contigo, é porque teu pai... teu noivo... não sei a razão! Mas deixa-te dessas desconfianças.

HENRIQUETA

Entretanto, depois de dois meses, ele devia achar um momento para ao menos dizer-me uma palavra que me desse esperança; porque, Carlotinha, se esse casamento era uma desgraça para mim, agora, que tu dizes que ele me ama, tornou-se um martírio! Não sei o que faça... Quero confessar a meu pai!... E tenho medo!... Já deu sua palavra!...

CARLOTINHA

A tua felicidade vale mais do que todas as palavras do mundo.

HENRIQUETA

Tu não sabes!...

CARLOTINHA

Ah! Aqui está Eduardo!

CENA XVI

As mesmas, Eduardo.

EDUARDO

Enfim, posso falar-lhe, D. Henriqueta?

CARLOTINHA

Ela já te acusava!

EDUARDO

A mim!

HENRIQUETA

Eu não; disse apenas...

CARLOTINHA

Disse apenas que tu ainda não tinhas achado um momento para dar-lhe uma palavra... de amor!

HENRIQUETA

De amizade! Foi o que eu disse.

EDUARDO

E tem razão; mas quando souber o motivo me desculpará.

HENRIQUETA

Ainda outro motivo!

EDUARDO

Sim; desta vez não é um engano, é um dever.

HENRIQUETA

Ah! uma promessa, talvez...

CARLOTINHA

Que lembrança!...

EDUARDO

Disse um dever; um dever bem grave, mas que tem um rostinho muito risonho; olhe. (*Amimando a face de Carlotinha*)

HENRIQUETA

Carlotinha?

CARLOTINHA

Ah! Quer-se desculpar comigo! Pois vou-me embora!

HENRIQUETA (*sorrindo*)

Vem cá!

EDUARDO

Deixe; ficaremos sós.

CENA XVII

Eduardo, Henriqueta.

(Henriqueta senta-se. Eduardo aproxima-se lentamente)

EDUARDO (*olhando-a*)

Henriqueta, me perdoa?

HENRIQUETA

Perdoar-lhe!... Eu é que devia ter adivinhado!

EDUARDO

E eu não devia ter compreendido que entre duas almas que se estimam não é preciso um intermediário? O amor que passa pelos estranhos perde a sua pureza... Carlotinha já lhe disse o que aconteceu?...

HENRIQUETA

Sim; ela me contou tudo, mas pareceu-me que me tinha enganado. Duvidei...

EDUARDO

Como?... Duvidou de mim!...

HENRIQUETA

Durante toda esta noite, não é a primeira vez que nos falamos e, entretanto, devíamos ter tanto que dizer-nos... Um tão longo silêncio...

EDUARDO

Não lhe dei já a razão?... Antes do meu amor, a felicidade de minha irmã. É um pequeno segredo que ela lhe contará, se já não lhe contou. Precisava tranquilizar o meu espírito, porque não desejo misturar uma inquietação, um mau pensamento, às primeiras expansões do nosso amor!

HENRIQUETA

Ah! Carlotinha também ama! Ainda não me confiou seu segredo!... Ela ao menos tem um irmão que lê em sua alma; há de ser feliz!...

EDUARDO

E nós, não o seremos?

HENRIQUETA

Quem sabe!

EDUARDO

Este casamento é impossível!

HENRIQUETA

Por quê?

EDUARDO

Porque vou confessar tudo a seu pai, e ele não sacrificará sua filha a uma palavra dada.

HENRIQUETA

E se recusar?

EDUARDO

Então respeitaremos sua vontade.

HENRIQUETA

Sim, ele é pai, mas...

EDUARDO

Mas o amor é soberano; não é isso, Henriqueta?

HENRIQUETA

E não se... vende!

EDUARDO

Que dizes? Compreendo!

HENRIQUETA

Não, Eduardo, não compreenda, não procure compreender! Foi uma ideia louca que me passou pelo espírito; não sei nada!... Uma filha pode acusar seu pai?

EDUARDO

Não; mas pode confiar a um amigo uma queixa de outro amigo.

HENRIQUETA

Pois bem, eu lhe digo. Meu pai deve a esse homem, e julgou que não podia recusar-lhe a minha mão, apesar das minhas instâncias. Lutei um mês inteiro, Eduardo, mas lutei só; e uma mulher é sempre fraca, sobretudo quando se exige dela um sacrifício!

EDUARDO

Tem razão; se lutássemos juntos, talvez...

HENRIQUETA

Oh! Então eu defenderia a nossa felicidade; mas lutar para conservar apenas uma triste esperança!

CENA XVIII

Os mesmos, Vasconcelos, Azevedo, D. Maria.

VASCONCELOS (*entrando*)

Vamos, menina! É tarde.

HENRIQUETA (*à meia voz*)

Sim, meu pai. Adeus, Eduardo! (*Dando-lhe a mão*) Até!...

EDUARDO

Até sempre, Henriqueta!

HENRIQUETA

Carlotinha, meu chapéu?

CARLOTINHA

Toma! Estás mais contentezinha?

HENRIQUETA

Maliciosa!...

(*Sobem*)

AZEVEDO

Meu sogro, dispensa-me acompanhá-lo? Um homem não deve andar agarrado à sua *fiancée*. É *mauvais genre*.

HENRIQUETA

Não se incomode. D. Maria, boa noite! Doutor...

(*Sobem todos à cena*)

EDUARDO

Uma palavra, Azevedo.

AZEVEDO

Às tuas ordena.

EDUARDO

Quanto te deve o Sr. Vasconcelos?

AZEVEDO (*admirado*)

Uma bagatela! Dez contos de réis!

EDUARDO

Ah!

AZEVEDO

Por que perguntas?

EDUARDO

Porque desejava saber quanto custa uma mulher em primeira mão.

AZEVEDO (*rindo*)

Vraiment!

ATO IV

Sala de visitas da casa de Eduardo; portas à direita e no fundo; janelas de grade de ferro à esquerda. Piano, aparadores, mesa do meio da sala; sofás, cadeiras, conversadeiras ou otomanas.

CENA I

Eduardo, Henriqueta, Carlotinha, Pedro.

(Henriqueta sentada na conversadeira: Eduardo lendo uma carta junto da mesa: Carlotinha na janela: Pedro sacudindo os tapetes)

CARLOTINHA (*baixo, a Pedro*)

Não passará ainda hoje?

PEDRO

Não sei, nãhã.

CARLOTINHA

Está doente?... Zangado comigo?... Por quê?

PEDRO

Não se importe mais com ele! Há tanto moço bonito! Sr. Azevedo...

(Carlotinha debruça-se na janela, Pedro vai colocar o tapete e sai; Eduardo acaba de ler a carta e vem sentar-se junto de Henriqueta)

CENA II

Eduardo, Henriqueta, Carlotinha.

EDUARDO

Quando eu lhe digo que espere, Henriqueta, é porque estou convencido de que há um meio de desfazer esse casamento sem a menor humilhação para seu pai.

HENRIQUETA

E esse meio qual é?

EDUARDO

Não lhe posso dizer; é meu segredo.

HENRIQUETA

Ah! Tem segredos para mim?

EDUARDO

É injusta fazendo-me essa exprobração, Henriqueta. Se não lhe falo francamente, é porque não desejo que partilhe, ainda mesmo em pensamento, os desgostos, as contrariedades que eu há um mês tenho sofrido para conseguir esse meio de que lhe falei.

HENRIQUETA

Mas, Eduardo, uma parte dessas contrariedades me pertence, e por dois títulos; porque se trata de mim, e porque nos... estimamos!

EDUARDO

Porque nos amamos: é verdade! Mas nessa partilha igual que fazem duas almas da sua dor e do seu prazer, há a diferença das forças. À mulher cabe a parte do consolo, ou da ternura; ao homem, a parte da coragem e do trabalho.

HENRIQUETA

Então eu não tenho o direito de fazer também alguma coisa para a nossa felicidade?

EDUARDO

Não disse isto! Faz muito!

HENRIQUETA

Como? Se toma para si tudo e não me quer deixar nem mesmo a metade dos cuidados?

EDUARDO

E quem me dá força para prosseguir e a fé para trabalhar? Não são esses momentos que todos os dias passamos juntos aqui ou em sua casa?

HENRIQUETA

Assim, não me quer dizer qual é essa esperança?

EDUARDO

Não desejo afligi-la com ideias mesquinhas. Os homens inventaram certas coisas, como os algarismos, o dinheiro e o cálculo, que não devem preocupar o espírito das senhoras.

HENRIQUETA

Por quê? Somos nós tão fracas de inteligência?...

EDUARDO

Não é por isso; é porque tiram-lhes o perfume e a poesia. Nunca fui à Europa, como Azevedo; mas acho que ele tem razão em um ponto, quando censura certos hábitos nossos. Alguns homens costumam fazer de sua esposa uma espécie de caixeiro doméstico, a que

chamam *dona de casa*. Como se a mulher que Deus criou para uma tão nobre missão, devesse descer a esses misteres de criado.

HENRIQUETA.

Isso é muito bonito, mas não me diz o que desejo saber.

EDUARDO

EDUARDO

O quê?

HENRIQUETA

O meio por que há de fazer o meu casamento.

EDUARDO

Ainda insiste; pois bem, hoje mesmo lhe direi.

HENRIQUETA

Sim?

EDUARDO

Talvez daqui a uma hora.

CARLOTINHA (*saindo da janela*)

Mano, aí entrou uma pessoa, que julgo procurar por você.

EDUARDO

Há de ser naturalmente o negociante que espero.

CENA III

Os mesmos, Pedro.

PEDRO (*entrando*)

Está aí o homem que escreveu aquela carta; quer falar ao senhor.

EDUARDO

Manda-o entrar para o meu gabinete.

PEDRO (*baixo, a Carlotinha*)

Nhanã Carlotinha está triste!... Hi!...

(*Carlotinha volta-lhe as costas; Pedro sai*)

EDUARDO

Até logo, Henriqueta.

HENRIQUETA

Já! Que vai fazer?

EDUARDO

Concluir um pequeno negócio; ao mesmo tempo realizar um pensamento que me foi inspirado pelo nosso amor.

HENRIQUETA

Como?

EDUARDO

Quero solenizar a nossa felicidade, Henriqueta, exercendo um dos mais belos direitos que tem o homem na nossa sociedade.

HENRIQUETA

Qual?

EDUARDO

O direito de dar a liberdade!

HENRIQUETA

Não entendo.

EDUARDO

Dir-lhe-ei tudo logo.

HENRIQUETA

Volte, Sim?

EDUARDO

Demorar-me-ei apenas o tempo de assinar um papel e escrever algumas linhas. (*Sai*)

CENA IV

Henriqueta, Carlotinha.

(Carlotinha chega-se de novo à janela)

HENRIQUETA

Sabes, Carlotinha, tenho uma queixa de ti.

CARLOTINHA

De mim? Que te fiz eu, má?

HENRIQUETA

Há um mês espero que tu me contes uma coisa, e ainda não me disseste uma palavra.

CARLOTINHA

De quê? Não sei.

HENRIQUETA

Do teu segredo; não te confiei o meu?

CARLOTINHA

Ah! Quem te disse?

HENRIQUETA

Eduardo.

CARLOTINHA

Não acredites, ele estava gracejando.

HENRIQUETA

Não, tu amas, Carlotinha, e nunca me falas dos teus sonhos, de tuas esperanças. Não sou eu mais tua amiga?

CARLOTINHA

Pois duvidas?

HENRIQUETA

Se fosses, não me ocultarias o que sentes.

CARLOTINHA

Não te zangues; eu te contarei tudo, mas custa tanto falar dessas coisas!

HENRIQUETA

Com aqueles que nos compreendem é um prazer bem doce.

CARLOTINHA

Olha, o meu segredo... Porém não sei como hei de começar isto!

HENRIQUETA

Começa pelo nome. Como ele se chama?

CARLOTINHA (*confusa*)

Alfredo.

HENRIQUETA

Este moço que teu mano nos apresentou?

CARLOTINHA

Sim. Todas as manhãs, faça bom ou mau tempo, passa por aqui ao meio-dia; quase nem olha para esta janela, donde eu o espero escondida entre as cortinas, ninguém nos vê, mas nós nos vemos.

HENRIQUETA

Depois?

CARLOTINHA

À noite vem visitar-nos, como tu sabes; todo o tempo conversa com mamãe, ou com mano enquanto tu e eu brincamos no piano. À hora do chá sentamo-nos juntos; ele diz que me viu de manhã, eu respondo que estava distraída e não o vi. Às vezes...

HENRIQUETA

Acaba, não tenhas vergonha. Eu também amo.

CARLOTINHA

Pois sim. Às vezes nossas mãos se encontram sem querer; ele fica pálido, e eu corro toda trêmula para junto de ti. Daí a pouco são dez horas, todos se retiram: então chego à janela e sigo-o com os olhos, até que desaparece no fim da rua.

HENRIQUETA

E é este todo o teu segredo?

CARLOTINHA

Todo.

HENRIQUETA

Parece-se com o meu: ver-se de longe, trocar um olhar, amar em silêncio. Há só uma diferença.

CARLOTINHA

Qual?

HENRIQUETA

Tu és feliz, porque és livre, enquanto eu...

CARLOTINHA

Tu és correspondida, Henriqueta; Mano Eduardo te ama!

HENRIQUETA

E Alfredo, não te ama?

CARLOTINHA

Não sei, tenho medo; há quatro dias que não o vejo. Levo a contar as horas.

HENRIQUETA

Donde procede esta mudança? Fizeste-lhe alguma coisa?

CARLOTINHA

Eu?... Se procuro adivinhar os seus pensamentos!

HENRIQUETA

Entretanto, deve haver um motivo...

CARLOTINHA

Tenho querido me recordar, e só acho este. No domingo veio passar a manhã aqui; eu o deixei um momento para te escrever e voltei logo. Quando chamei Pedro para levar-te a carta; ele levantou-se de repente, despediu-se de mamãe, cumprimentou-me friamente, e desde então não o tenho visto. Ficou zangado comigo por ter saído um momento de junto dele.

HENRIQUETA

Não faças caso, isso passa. Hoje mesmo ele virá arrependido pedir-te perdão. Mas, a propósito da carta que me escreveste domingo, eu trouxe-a mesmo para brigar contigo, travessa! (*Tira a carta*)

CARLOTINHA

Por quê? Pela sobrescrita?

HENRIQUETA

Essa é uma das razões. Para que escreveste "Madame Azevedo?" Não sabes que essa ideia me mortifica?

CARLOTINHA

Desculpa, foi um gracejo.

HENRIQUETA

Além disso, não tinhas outra pessoa por quem mandar a carta, senão ele?

CARLOTINHA

Ele quem? O Azevedo?

HENRIQUETA

Sim; foi ele que ma entregou.

CARLOTINHA

Mas não é possível; eu a mandei por Pedro; e recomendei-lhe que não a mostrasse a ninguém, mesmo por causa da sobrescrita!...

HENRIQUETA

Não compreendo, então, como foi parar nas mãos desse homem. Tive um desgosto... e um medo!... Tu falavas de Eduardo!

CARLOTINHA

Espera, vou perguntar a Pedro que quer dizer isto! (*Chegando-se à porta*) Pedro!...

HENRIQUETA

Deixa, não vale a pena.

CARLOTINHA

Não, é muito mal feito.

CENA V

Os mesmos e Pedro.

PEDRO

Nhanhã chamou?

CARLOTINHA

Quero saber como é que a carta que eu lhe dei para Henriqueta foi parar em mão do Sr. Azevedo.

PEDRO

Ele me encontrou na rua, e tomou para entregar.

CARLOTINHA

Não te disse que não queria que ninguém visse a sobrescrita?

PEDRO

Ele é noivo de sinhá Henriqueta: não faz mal.

HENRIQUETA

Está bom; não pensemos mais nisto.

CARLOTINHA

Não quero que outra vez suceda o mesmo. (*A Pedro*) Entendeste?

PEDRO

Sim, nhanhã. Pedro sabe o que faz!

(Batem palmas)

CARLOTINHA

Que quer dizer?

(Pedro sai)

CENA VI

Henriqueta, Carlotinha, Azevedo, Pedro (no fundo).

HENRIQUETA

Há de ser ele.

CARLOTINHA

Alfredo! Ah! Se fosse...

HENRIQUETA

Queres apostar?

(Azevedo aparece)

CARLOTINHA

Ora, é o Azevedo. Eu logo vi!

AZEVEDO

Como passou, D. Carlotinha? *(Aperta a mão)* D. Henriqueta?
(Cumprimenta)

CARLOTINHA

O senhor parece que adivinha, Sr. Azevedo?

(Pedro está na porta de entrada, Henriqueta começa a folhear um álbum)

AZEVEDO

Por quê?! Por encontrá-la hoje tão bela? Está realmente *éblouissante!*

CARLOTINHA

Faça-se de esquerdo! A minha beleza serve de pretexto para elogiar a de Henriqueta!

AZEVEDO

A senhora quer dizer o contrário...

CARLOTINHA

Quer dizer que o senhor adivinhou quem estava aqui hoje.

AZEVEDO *(com afetação)*

Quem?... Não vejo ninguém.

CARLOTINHA

Nem a sua noiva? Era esta palavra que o senhor queria ouvir!

AZEVEDO *(com intenção)*

Sim, era esta palavra que eu desejava ouvir dos seus lábios.

CARLOTINHA (*baixo, a Henriqueta*)

Que fátuo! (*Alto*) Vem, Henriqueta; vamos chamar mamãe para falar ao Sr. Azevedo.

AZEVEDO

Então, deixa-me só?

HENRIQUETA (*rindo*)

Oh! Um homem como o senhor pode ficar só? Paris inteiro lhe fará companhia!

CARLOTINHA (*rindo*)

Suponha que está no *Boulevard dos Italianos*.

AZEVEDO (*cortesmente*)

Não. Mas (*tirando uma flor da casaca*) conversarei com esta flor; ela me dirá em perfumes, o que os lábios que a bafejaram recusaram dizer em palavras.

CARLOTINHA

Como está poético! Aquilo é contigo, Henriqueta.

HENRIQUETA

Comigo, não! É com quem lhe mandou a violeta! Vamos!

CARLOTINHA

Pois, Sr. Azevedo, nós o deixamos no seu colóquio amoroso.

(*Saem*)

CENA VII

Azevedo, Pedro.

AZEVEDO (*seguindo-a*)

Foge-me!...

PEDRO (*rindo*)

Como vai paixão por nhanhã Carlotinha, Sr. Azevedo? Flor já está na dança!

AZEVEDO

Queria mesmo te falar a este respeito! Não entendo tua senhora. Tu dizes que ela gosta de mim *et pourtant...*

PEDRO

Parlez-vous français, monsieur?

AZEVEDO

Ela faz que não me compreende! Trata-me com indiferença.

PEDRO

Pudera não! O senhor vai se casar.

AZEVEDO

Ah! Tu pensas que é esta a razão!

PEDRO

Nhanhã mesmo me disse! Moça solteira não pode receber corte de homem que é noivo de outra mulher! É feio, e faz cócega dentro de coração; cócega que se chama ciúme!

AZEVEDO

Então é o meu casamento que impede!... E nem me lembrava de semelhante coisa! Com efeito, Henriqueta é sua amiga; ela julga talvez que a amo.

PEDRO

Mas isto não quer dizer nada. Ela gosta de vosmecê, gosta muito! Ontem, quando mandou essa violeta que o senhor tem na casaca, beijou primeiro.

AZEVEDO

E foi ela mesmo quem se lembrou de mandar-me?

PEDRO

Ela mesma, sem que eu pedisse nada!

AZEVEDO (*erguendo-se e tomando o chapéu*)

Bem; eu sei o que me resta a fazer.

PEDRO

Já vai? Não espera por sinhá velha?

AZEVEDO

Não, eu já volto. E, preciso tomar uma resolução: *il le faut!*

PEDRO

Monsieur está pensando!

AZEVEDO

Diz a D. Carlotinha... Não, não lhe digas nada! Eu quero ser o primeiro a anunciar-lhe.

CENA VIII

Pedro, Jorge.

(Jorge com os livros)

PEDRO

Oh! Já voltou do colégio? Agora mesmo deu meio-dia.

JORGE

Tive licença para sair mais cedo.

PEDRO

Nhonhô já sabe novidade?

JORGE

Que novidade?

PEDRO

Novidade grande! senhor moço Eduardo vai casar com nhanhã Henriqueta!

JORGE

Ah!... E o noivo dela?

PEDRO

Senhor Azevedo? Casa com nhanhã Carlotinha.

JORGE

Mana?... E Sr. Alfredo?

PEDRO

Fica logrado. Para rematar a festa, velho Vasconcelos casa com sinhá velha.

JORGE

É mentira!

PEDRO

Há de ver!

JORGE

Então tudo se casa?

PEDRO

Tudo, tudo. Nhonhô também carece ver uma meninazinha bonita... Mas vossa mercê ainda não sabe namorar!...

JORGE

Eu não!

PEDRO

Pois precisa aprender, que já está franguinho. Pedro ensina.

JORGE

E tu sabes?

PEDRO (*rindo-se*)

Ora!... Nhonhô pede dinheiro a mamãe e compra luneta.

JORGE

Para quê?

PEDRO

Sem isto não se namora. Quando nhonhô tiver luneta, prende no canto do olho, e deita para a moça. Ela começa logo a se remexer e a ficar cor de pimentinha malagueta. Então rapaz fino volta as costas, assim como quem não faz caso; e moça só espiando ele. Dai a pouco, fogo, luneta segunda vez; ela volta a cara para o outro lado, mas está vendo tudo! Nhonhô deixa passar um momento, fogo, luneta terceira vez; aí moça não resiste mais, cai por força, com o olho requebrado só, namoro está ferrado. Rapaz torce o bigodinho... Mas vossa mercê não tem bigode!...

JORGE

Olha! Não tarda nascer!

PEDRO

Qual! Está liso como um frasco!

JORGE (*ouvindo entrar*)

Quem é?

PEDRO

Velho tabaquista!

JORGE

Que vai casar com mamãe.

PEDRO

Psiu! Não diga nada, não!

CENA IX

Pedro, Vasconcelos, Jorge.

VASCONCELOS (*entrando*)

Onde está esta gente! Henriqueta fica para jantar?

PEDRO

Sim, senhor; nhanhã Carlotinha não quer deixar ela ir.

JORGE (*saindo*)

Eu vou chamá-la!

VASCONCELOS

Não precisa. (*A Pedro*) Dize-lhe que à tarde virei buscá-la.

PEDRO

Vossa mercê vai para casa?

VASCONCELOS

Não; por que perguntas?

PEDRO

Porque Sr. Azevedo saiu daqui agora mesmo para ir falar a vossa mercê.

VASCONCELOS

Sobre quê? Alguma coisa de novo?

PEDRO

Negócio importante. Pedro não sabe; mas ele parecia zangado.

VASCONCELOS

Ora, que me importam as suas zangas.

PEDRO

Senhor não deve mesmo se importar; esse Sr. Azevedo tem uma língua... Sabe o que ele disse?

VASCONCELOS

Não quero saber.

PEDRO

Disse a Sr. moço Eduardo, a casa estava cheia de gente, disse que Sr. Vasconcelos é um... nome muito ruim!

VASCONCELOS

Um que, moleque?

PEDRO

Um pinga!

VASCONCELOS

Hein!... Não é possível!

PEDRO

Ora! Aquele moço não tem respeito a senhor velho. *(Faz uma careta)*

VASCONCELOS

Pois hei de ensinar-lhe a ter.

PEDRO

Precisa mesmo, para não andar enchendo a boca de que comprou filha de senhor com seu dinheiro dele.

VASCONCELOS

Comprou minha filha! Ah, miserável!

(Batem palmas)

PEDRO

Pode entrar.

CENA X

Os mesmos e Alfredo.

(Vasconcelos fica passeando; os dois descem à cena)

PEDRO *(a Alfredo)*

Vossa mercê espere, vou chamar Sr. moço Eduardo.

ALFREDO

Sim, diga-lhe que desejo falar-lhe com instância.

VASCONCELOS *(a Pedro)*

Há muito tempo que ele saiu?

PEDRO *(voltando)*

Senhor Azevedo?... Agora mesmo.

VASCONCELOS

Vou à sua procura. Preciso de uma explicação. *(Sai)*

CENA XI

Pedro, Alfredo.

PEDRO

O velho vai deitando azeite às canadas! Noivo da filha virou de rumo e agora só quer casar com nhanhã Carlotinha.

ALFREDO

Oh! Ele pode desejar todas as mulheres, é rico!

PEDRO

Não sei também; essas moças... têm cabecinha de vento; um dia gostam de um, outro dia gostam de outro. Nhanhã, que esperava

todo o dia para ver Sr. Alfredo passar, nem se lembra mais; escreveu aquela carta a Sr. Azevedo!

ALFREDO

Se não fosse essa carta, eu ainda duvidava!...

PEDRO

Vossa mercê bem viu, no domingo, ela me dar à sua vista, e eu entregar na rua a ele, a Sr. Azevedo.

ALFREDO

Sim; e foi preciso ver seu nome escrito!... Quem diria que tanta inocência e tanta timidez eram o disfarce de uma alma perversa! Meu Deus! Onde se encontrará nestes tempos a inocência, se no seio de uma família honesta ela murcha e não vingará!

PEDRO

Ora, Sr. Alfredo, tem tanta moça bonita! Pode escolher!

ALFREDO

Vai prevenir a Eduardo!

CENA XII

Os mesmos, Carlotinha, Henriqueta.

CARLOTINHA (*entrando*)

Ah! Ele está aí!...

HENRIQUETA

Não te disse? Já volto.

CARLOTINHA

Queres deixar-me só com ele! Não, eu te peço.

PEDRO (*a Alfredo*)

Nhanhã! Como ela está alegre!

ALFREDO

É por ele! (*Cumprimenta*)

CARLOTINHA (*a Henriqueta*)

Nem me fala! Que ar sério!

HENRIQUETA

É, talvez, por minha causa.

CARLOTINHA

Não, fica.

PEDRO (*a Carlotinha*)

Agora é que nãhã deve ensiná-lo; e não fazer caso dele! (*Sai*)

CARLOTINHA (*a Henriqueta*)

Nem me olha!

HENRIQUETA

Com efeito, ele tem alguma coisa que o mortifica.

CARLOTINHA

Se eu lhe falasse!...

HENRIQUETA

É verdade, dize-lhe uma palavra.

CARLOTINHA

Oh! Não tenho ânimo!

HENRIQUETA (*a Carlotinha*)

Espera, com ele eu sou mais animosa do que tu. Vou falar-lhe.

CARLOTINHA

Mas não lhe digas nada a meu respeito.

HENRIQUETA

Não. (*Adiantando-se; alto*) Então, Sr. Alfredo, tem ido estas noites ao teatro?

ALFREDO

É verdade, minha senhora, para distrair-me.

CARLOTINHA (*a Henriqueta*)

Distrair-se... De pensar em mim!

HENRIQUETA

O teatro é mais divertido do que as nossas noites, aqui em casa de Carlotinha ou na minha. Não é verdade?

ALFREDO

Não, minha senhora, mas no teatro se está no meio de indiferentes, e, portanto, não há receio de que se incomode com a sua presença àquelas pessoas que se estima.

CARLOTINHA (*a Henriqueta*)

Com que ar diz ele isto! Tu compreendes?

HENRIQUETA

Mas, Sr. Alfredo, me parece que isto não se refere a nós, que nunca demos demonstrações...

ALFREDO (*com intenção*)

A senhora, não, D. Henriqueta.

CARLOTINHA (*vivamente*)

É a mim, então...

ALFREDO

Não sei!...

HENRIQUETA

Mas explique-se, Sr. Alfredo; eu creio que há nisto algum equívoco.

ALFREDO

Há certas coisas que se sentem, D. Henriqueta, mas que não se dizem. Quando nos habituamos a venerar um objeto por muito tempo podemos odiá-lo um dia, porém o respeitamos sempre!

CARLOTINHA

Mas ninguém tem direito de condenar sem ouvir aqueles a quem acusa.

CENA XIII

Eduardo, Alfredo,

EDUARDO

Estamos sós, Alfredo. Sente-se, e diga-me que negócio é esse tão grave! Um médico está habituado a ver rostos bem tristes; mas o seu inquieta-me.

ALFREDO

É que realmente aquilo de que pretendo falar-lhe me penaliza em extremo; e se não considerasse um dever vir eu próprio comunicá-lo, preferiria servir-me de uma carta.

EDUARDO

E fez bem; dois amigos entendem-se melhor conversando; uma carta é um papel frio, sobre o qual se acham as palavras, mas não a voz, a fisionomia, e o coração da pessoa que fala.

ALFREDO

Outra razão ainda: uma carta é uma prova material que fica, e pôde extraviar-se; o que vou dizer-lhe não deve ser sabido senão pelo senhor; eu mesmo devo esquecê-lo.

EDUARDO

Vamos; fale sem o menor receio.

ALFREDO

Há um mês, Eduardo, recebi uma prova de confiança, da sua parte, que me penhorou em extremo; sabendo que eu amava sua irmã, sem exigir de mim uma promessa, apresentou-me á sua família e abriu-me o interior da sua casa.

EDUARDO

E dei um passo bem acertado, porque fiz de um simples conhecido um amigo; e tenho tido ocasiões de apreciar o seu caráter.

ALFREDO

É bondade sua. Eu amava sua irmã; era um amor sério, e que só esperava uma animação da parte dela, para pedir o consentimento de sua família. Pareceu-me que ele era aceito; obtive autorização de meu pai, e vim um dia com a intenção de pedir-lhe a mão de D. Carlotinha. Era talvez apressado; mas eu queria quanto antes dar-lhe uma prova de que a sua confiança não tinha sido mal correspondida.

EDUARDO

Nunca tive esse receio. Mas dizia que veio...

ALFREDO

Deixe-me continuar. Chegamos ao ponto delicado e falta-me a coragem para confessar-lhe...

EDUARDO

Não sei o que pretende dizer; mas, meu amigo, reflita que, quando se trata de uma moça, as reticências são sempre uma injúria. A verdade nua, qualquer que ela seja; em objetos de honra, a dúvida é uma ofensa.

ALFREDO

Perdão; não se trata de honra; é uma simples questão de sentimento. Eu enganei-me, Eduardo. Julgava que sua irmã aceitava o meu amor, e a minha vaidade me iludia. Então entendi que se não me era permitido dar a prova que eu desejava de minha afeição, devia ao

menos, ao retirar-me de sua casa, explicar-lhe os motivos que a isso me obrigavam. Perco uma bem doce esperança; mas quero conservar uma estima que prezo.

EDUARDO

Obrigado, Alfredo. O seu procedimento honra-o; é bem raro vê-lo na nossa sociedade, onde ordinariamente os mais nobres sentimentos tem vergonha de se revelar com receio que os apelidem de originalidade, ou extravagância. Mas deixe que lhe diga: se há um engano da sua parte, é talvez na interpretação dos sentimentos de minha irmã.

ALFREDO

Ella ama a outro, Eduardo.

EDUARDO

Tem certeza disso?

ALFREDO.

Tenho uma convicção profunda.

EDUARDO

Pôde ser uma convicção falsa.

ALFREDO.

Não me obrigue a apresentar-lhe as provas.

EDUARDO

São essas provas que eu peço! Tenho direito a elas...

ALFREDO

Porque não ofendem o caráter de D. Carlotinha.

EDUARDO.

Mas revelam seus sentimentos, que eu devo conhecer como seu irmão.

CENA XIV

Os mesmos, Carlotinha, Henriqueta.

CARLOTINHA (*entrando*)

E que eu exijo que se patenteiem, porque não me envergonham, Eduardo!

EDUARDO

Tu nos ouvias, Carlotinha!

CARLOTINHA

Sim, mano. Tratava-se de mim; fiz mal?

EDUARDO

Não, minha irmã, eu mesmo te chamaria se não quisesse poupar-te um pequeno desgosto. Mas já que aqui estás, fica. Alfredo parece que tem algumas queixas de nós; julgarás se ele é injusto. (*Volta-se para Henriqueta*)

HENRIQUETA (*à meia voz, a Eduardo*)

Ele está iludido! Carlotinha o ama!

EDUARDO

Eu sabia! (*Continuam a conversar*)

CARLOTINHA

O Sr. Alfredo diz que tem provas de que amo outro homem... Reclamo essas provas.

ALFREDO

Não é possível, D. Carlotinha! Na minha boca seriam uma exprobração ridícula e ofensiva. Guardo-as comigo e respeito os sentimentos que não soube inspirar.

CARLOTINHA

O senhor não mas quer dar?... Pois bem, serei eu que provarei o contrário!... Eis a prova de que... (*estendendo-lhe a mão*) eu só amei e só amo... o senhor!

ALFREDO

Ah!... (*Tomando a mão*) Mas essa mão não pode ser minha!

CARLOTINHA

Por quê?

ALFREDO

Porque escreveu a outro e lhe pertence!

CARLOTINHA

Meu Deus! Mano, Henriqueta!...

EDUARDO (*adiantando-se*)

Que tens?

CARLOTINHA

Ele diz que eu amo a outro, que lhe escrevi!... Quando a ele...

ALFREDO

Não devia dizê-lo; mas foi o amor ofendido, e não a razão, que falou.

EDUARDO

Sei que é incapaz de tornar-se eco de uma calúnia; para dizer o que acabo de ouvir é preciso que tenha certeza do que afirma. A quem escreveu minha irmã, Alfredo?

ALFREDO

Perdão!... Não devo!

EDUARDO

Exijo!...

ALFREDO
Ao Sr. Azevedo!

HENRIQUETA
É impossível!

CARLOTINHA
Ele acredita!

EDUARDO
O senhor viu essa carta?

ALFREDO
Vi essa carta sair da mão que a escreveu e ser entregue àquele a quem era destinada!

(Ouve-se rumor de passos)

EDUARDO
Silêncio senhor!

CENA XIV

Os mesmos, Azevedo.

AZEVEDO *(a Eduardo)*
Cher ami! (À meia voz) Acabo de ter uma cena bastante animada, *échauffante* mesmo!

EDUARDO
Por que motivo?

AZEVEDO
Eu lhe digo. *(Afastam-se mais para a direita e sentam-se um momento na conversadeira)* Rompi o meu casamento com Henriqueta; e acabo de participá-lo ao Sr. Vasconcelos.

EDUARDO

Ah!... E que razão teve para proceder assim?

AZEVEDO

Muitas; seria longo enumerá-las. Aquele velho é um miserável e sua filha uma namoradeira!...

EDUARDO

Senhor Azevedo, esquece que fala de amigos de nossa casa.

AZEVEDO

Perdão, mas não podia deixar que esses dois especuladores abusassem por mais tempo da minha boa fé.

EDUARDO

Se continua desta maneira, sou obrigado a pedir-lhe que se cale.

AZEVEDO

Bom; não me leve a mal este desabafo. O fato é que o casamento está completamente desfeito, e que eu posso dizer como Francisco I: — *Tout est perdu, hors l'honneur.* (Erguendo-se)

EDUARDO (*com ironia*)

E a dívida de dez contos?

AZEVEDO

Ele a pagará; não lhe deixarei um momento de sossego! Permita que cumprimente sua irmã.

ALFREDO

Não devo ficar, Eduardo, sinto que não terei é sangue frio necessário para dominar-me. (*Toma o chapéu para sair*)

EDUARDO

Espere, meu amigo.

(*Carlotinha, que não atende ao cumprimento de Azevedo, e segue Alfredo com os olhos, erguendo-se*)

CARLOTINHA

Sim, eu lhe peço, fique.

ALFREDO (*com tristeza*)

Para quê? Para ser testemunha...

CARLOTINHA

Para ser testemunha de minha inocência!

HENRIQUETA

Que vais fazer?

CARLOTINHA

Apelar para a consciência de um homem que eu julgo honesto.

EDUARDO

Minha irmã! Deixa-me esse penoso dever! Tu és uma moça...

CARLOTINHA

Não, Eduardo, para ele eu sou criminosa. É justo que me defenda.

AZEVEDO

Estou completamente *embêté!*

CARLOTINHA

Senhor Azevedo, peço-lhe que declare se algum dia recebeu uma carta minha!

AZEVEDO

Comment!... Uma carta sua!... Nunca!...

ALFREDO (*a meia voz*)

O senhor mente!

CARLOTINHA (*a Henriqueta*)

Ainda duvida!

AZEVEDO (*a Eduardo*)

Não estou na casa de um amigo?

EDUARDO

Sim; e o insulto é feito a mim!

ALFREDO

Perdão, Eduardo! Não sei o que faço, o meu espírito se perde!

AZEVEDO (*voltando-se para Carlotinha*)

Falta-lhe o *savoir vivre*!

CARLOTINHA

Assim o senhor dá sua palavra de honra! Não recebeu essa carta?...

AZEVEDO

Se eu a tivesse recebido, há muito teria vindo apresentar-lhe o pedido respeitoso de um amor profundo; e não esperaria por esse momento.

CARLOTINHA (*convulsa*)

O senhor ama-me então?

AZEVEDO

É verdade!

CARLOTINHA

Pois eu... eu o desprezo!

AZEVEDO

Ah!

EDUARDO

Minha irmã!...

AZEVEDO (*cortejando*)

O desprezo é o direito das senhoras e dos soberanos.

HENRIQUETA

Mas, então, eu sou livre? A minha promessa...

AZEVEDO

Já foi restituída a seu pai!

HENRIQUETA

Obrigada, meu Deus!

CENA XVI

Os mesmos, D. Maria.

(D. Maria, que tem entrado há alguns minutos)

D. MARIA

Que se passa aqui, senhores?

EDUARDO

Ah! Minha mãe! A nossa casa está sendo o teatro de uma cena bem triste!

D. MARIA

Mas por quê? Aconteceu alguma coisa? Carlotinha, que tens?

CARLOTINHA

Nada, mamãe.

D. MARIA

Todos tão frios, tão reservados!... Que quer dizer isto, Eduardo?

CENA XVII

Os mesmos, Vasconcelos, Pedro.

PEDRO (*entrando*)

Barulho grande, Sr. Vasconcelos!

VASCONCELOS

Deixe-me! Estou furioso!

HENRIQUETA

Meu pai, é verdade?

D. MARIA

O senhor está tão perturbado!

VASCONCELOS

Se a senhora soubesse o que acabo de ouvir! Os maiores insultos!

AZEVEDO

Verdades bem duras, mas não insultos, senhor! Não é meu costume.

VASCONCELOS

Ah! O senhor está aqui? (*Quer lançar-se*)

EDUARDO

Senhor Vasconcelos!...

VASCONCELOS

Oh! Não faz ideia do que este homem disse de mim. E se fosse só de mim! Caluniou, injuriou atrozmente a minha filha!...

EDUARDO

Como, Sr. Azevedo?

AZEVEDO

Pergunte-lhe o que ouvi dele!

PEDRO (*a Alfredo*)

Intriga está fervendo só! Hoje sim! Acaba-se tudo!

VASCONCELOS

E o que me dói, ainda mais, D. Maria, é que todas essas injúrias de que o senhor se fez eco, saem de sua casa!

PEDRO (*a Carlotinha*)

Mentira!

EDUARDO

De nossa casa, Sr. Vasconcelos?

HENRIQUETA

Eu não creio, meu amigo.

VASCONCELOS

Tu não crês, porque não as ouviste, minha filha; senão havias de ver que só amigos fingidos pediam servir-se da intimidade para, à sombra dela, urdirem semelhantes calúnias!

D. MARIA

Nunca pensei, meu Deus, passar por semelhante vergonha!...

EDUARDO

E eu, minha mãe, eu que sou responsável por todos esses escândalos!

AZEVEDO

C'est ennuyeux, ça!

VASCONCELOS

Vamos, minha filha, deixemos para sempre esta casa onde nunca devíamos ter entrado!

HENRIQUETA

Eduardo!...

EDUARDO

Adeus, Henriqueta!

HENRIQUETA

Carlotinha!...

CARLOTINHA

Ama-me! Tu ao menos não me farás chorar!

ALFREDO

Sou eu que a faço chorar, D. Carlotinha?

VASCONCELOS

Vem, vem, Henriqueta! Não estamos bem neste lugar!

(Fazem gesto de sair)

ALFREDO

É verdade, sofre-se muito aqui.

AZEVEDO

Com efeito, *li fait chaud*.

EDUARDO

A honra e a felicidade! Tudo perdido!

D. MARIA *(chorando)*

E tua mãe, meu filho!

PEDRO *(adiantando-se)*

E Pedro, senhor!

VASCONCELOS

Oh! Está quem podia confirmar o que eu disse.

AZEVEDO

Justamente!

EDUARDO

Ah!... (*Voltando-se*) Escutem-me, senhores; depois me julgarão... É a nossa sociedade brasileira a causa única de tudo quanto se acaba de passar.

ALFREDO

Como?

VASCONCELOS

Que quer dizer?

AZEVEDO

Tem razão, começo a entender!

EDUARDO

Os antigos acreditavam que toda a casa era habitada por um demônio familiar, do qual dependia o sossego e à tranquilidade das pessoas que nela viviam. Nós, os brasileiros, realizamos infelizmente esta crença; temos no nosso lar doméstico esse demônio familiar. Quantas vezes não partilha conosco as carícias de nossas mães, os folguedos de nossos irmãos e uma parte das atenções da família! Mas vem um dia, como hoje, em que ele na sua ignorância ou na sua malícia, perturba a paz doméstica; e faz do amor, da amizade, da reputação, de todos esses objetos santos, um jogo de criança. Este demônio familiar de nossas casas, que todos conhecemos, ei-lo.
(*Aponta para Pedro*)

AZEVEDO

É uma grande verdade.

VASCONCELOS

Tem toda a razão; a ele é que ouvi!

ALFREDO

Sim, não há dúvida.

CARLOTINHA
Eu adivinhava!...

D. MARIA
Como? Foste tu?

PEDRO
Pedro confessa, sim senhora.

D. MARIA
Mas para quê?...

PEDRO
Para desmanchar o casamento de Sr. Azevedo.

AZEVEDO
Que tal!

VASCONCELOS
E para isso inventaste tudo o que me disseste?

PEDRO
E o que disse a Sr. Azevedo. Nhanhã Carlotinha nunca se importou com ele.

AZEVEDO
Assim, a flor?...

PEDRO
Mentira tudo.

ALFREDO
E a carta?

PEDRO
Nhanhã mandava a sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA

Então é esta! (*Mostra a carta*)

ALFREDO

Mas a sobrescrita?

HENRIQUETA

Uma brincadeira!

(*Alfredo lança um olhar rápido para a sobrescrita*)

ALFREDO

Perdão, D. Carlotinha!

CARLOTINHA

Não! O que eu sofri!...

EDUARDO

Por que, minha irmã? Todos devemos perdoar-nos mutuamente; todos somos culpados por havermos acreditado ou consentido no fato primeiro, que é a causa de tudo isto. O único inocente é aquele que não tem imputação, e que fez apenas uma travessura de criança, levado pelo instinto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do autômato um homem; restituo-o à sociedade, porém expulso-o do seio de minha família e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (*A Pedro, dando-lhe um papel*) Toma: é a tua carta de liberdade, ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas ações. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não compreendes.

(*Pedro beija-lhe a mão*)

D. MARIA

Muito bem, meu filho! Adivinhaste o meu pensamento!

AZEVEDO

Mas agora, por simples curiosidade, diz-me, *gamin*, que interesse tinhas em desfazer o meu casamento?

PEDRO

Senhor moço Eduardo gosta de sinhá Henriqueta!

AZEVEDO

Ah!... *bah!*...

EDUARDO

Sim, meu amigo. Eu amo Henriqueta e para mim esse casamento seria uma desgraça; para o senhor era uma pequena questão de gosto e para seu pai um compromisso de honra. Hoje mesmo pretendia solver essa obrigação. (*Tirando um papel*) Aqui está uma ordem sobre o Souto; o Sr. Vasconcelos nada lhe deve.

VASCONCELOS

Como? Fico então seu devedor?

EDUARDO

Essa dívida é o dote de sua filha.

HENRIQUETA

Oh! Que nobre coração!

EDUARDO

Quem mo deu?

HENRIQUETA

Sou eu que sinto orgulho em lhe pertencer, Eduardo.

D. MARIA

Mas, meu filho, dispões assim da tua pequena fortuna. O que te resta?

EDUARDO

Minha mãe, uma esposa e uma irmã. A pobreza, o trabalho e a felicidade.

ALFREDO

Esqueceu um irmão, Eduardo.

EDUARDO

Tem razão! (*Aperta-lhe a mão*)

AZEVEDO

E um amigo *quand mème!*

EDUARDO

Obrigado!

VASCONCELOS

A vista disto, D. Maria, vou tratar de pôr a Josefa nos cobres!

AZEVEDO

Decididamente volto a Paris, meus senhores!

PEDRO

Pedro vai ser cocheiro em casa de Major!

EDUARDO (*adiantando-se para os expectadores*)

E agora, meus amigos, façamos votos para que o demônio familiar das nossas casas desapareça um dia, deixando o nosso lar doméstico protegido por Deus e por esses anjos tutelares que, sob as formas de mães, de esposas e de irmãs, velarão sobre a felicidade de nossos filhos!...



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com